



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR (DRUSA)**

**PRODUÇÃO E CONSUMO DE ARROZ NO HAITI: UMA ANÁLISE SOBRE OS
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO**

SAYOWANA EDOUARD

Foz do Iguaçu

2025

**PRODUÇÃO E CONSUMO DE ARROZ NO HAITI: UMA ANÁLISE SOBRE OS
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO**

SAYOWANA EDOUARD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção parcial do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientador: Dr. Valdemar João Wesz Junior

Foz do Iguaçu

2025

SAYOWANA EDOUARD

**PRODUÇÃO E CONSUMO DE ARROZ NO HAITI: UMA ANÁLISE SOBRE OS
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção parcial do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior

UNILA

Prof. Dr. Jeferson Tonin

UNILA

Prof. Dr. Dirceu Basso

UNILA

Foz do Iguaçu, 06 de Março de 2025

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Sayowana Edouard

Curso: Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar

	Tipo de Documento
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais
	<input type="checkbox"/> _____

Título do trabalho acadêmico: PRODUÇÃO E CONSUMO DE ARROZ NO HAITI: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a minha família no Haiti,
amigos e docentes que sempre acreditaram em
mim e me apoiaram neste trabalho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, é essencial expressar minha mais profunda gratidão a Deus, cuja presença constante em minha vida tem sido fonte de inspiração e força. Sou grata não apenas pela saúde que me é concedida, mas também pelos desafios que enfrento, pois são eles que me fortalecem e me permitem crescer. É por Sua graça que encontro coragem, discernimento e perseverança para conduzir este estudo e esta pesquisa.

Gostaria também de expressar meus sinceros agradecimentos a minha família, em especial ao meu pai, Espael Edouard, e aos meus irmãos e irmãs, que sempre confiaram em mim e me incentivaram em cada etapa da minha jornada. Seu apoio incondicional foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Aos produtores, entrevistadores e consumidores que, com generosidade, dedicaram parte do seu tempo para contribuir com este projeto. Suas experiências e insights foram indispensáveis para o sucesso desta pesquisa.

Um agradecimento especial a Meet-Clove Mesidor, pelo apoio essencial na realização das entrevistas com os produtores da região selecionada. Sua dedicação foi crucial para a coleta de dados.

Ao Prof. Dr. Valdemar João Wesz Júnior, por sua orientação excepcional, competência e dedicação ao longo de todo o processo. Sua paciência e atenção foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos avaliadores, que gentilmente aceitaram contribuir com este estudo, enriquecendo-o com suas análises e sugestões valiosas.

Ao Prof. Dr. Dirceu Basso, por seus conselhos sábios, atenção e apoio constante ao longo da minha trajetória acadêmica. Sua orientação foi um farol em momentos de dúvida.

Aos meus professores e colegas da minha turma, pelo apoio mútuo e pela construção de um ambiente acadêmico saudável e enriquecedor. Sua companhia tornou esta jornada mais leve e significativa.

Um agradecimento especial a Hans van Freud Lafortune, cuja personalidade otimista e persistente me inspirou a enxergar as situações com mais

positividade, transformando cada desafio em uma oportunidade de crescimento e aprendizado.

Por fim, gostaria de expressar meu profundo reconhecimento a todos os colegas que, de diversas formas, contribuíram para enriquecer minha trajetória acadêmica. Seja por meio de orientações, compartilhamento de conhecimentos, diálogos construtivos ou demonstrações de apoio, cada um de vocês deixou uma marca significativa nesta jornada.

Faço uma menção especial a Judeline Exumé, John Osthé, Frazier Meliano Nestor, Faniel Frenat e Stéphanie Dorcius, cujo incentivo e colaboração foram fundamentais ao longo deste percurso. Seu apoio foi um alicerce importante para a conclusão deste trabalho.

Por fim, sou imensamente grata a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto. Cada gesto, palavra de incentivo e momento de apoio foi essencial para que este trabalho fosse possível.

Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês", diz o Senhor, "planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro. (Jeremias 29:11)

EDOUARD , Sayowana. **Impactos da globalização na produção de arroz em Les Cayes (haiti)**. 2025. 67. Trabalho de Conclusão de Curso (Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2025.

RESUMO

A globalização é um fenômeno que moldou significativamente a economia mundial, especialmente nos países em desenvolvimento. No Haiti, a produção agrícola está entre os setores mais afetados, particularmente o cultivo de arroz, um dos cereais mais consumidos no país. Uma das questões centrais investigadas é o impacto da liberalização do mercado e das importações na produção e no consumo local de arroz. No final do século XX, a liberalização econômica promovida por instituições financeiras internacionais e implementada no Haiti reduziu significativamente as tarifas de importação, permitindo a entrada massiva de arroz subsidiado do exterior, especialmente dos Estados Unidos. Esse processo gerou uma perda de competitividade para os produtores locais, afetando não apenas a economia rural, mas também a segurança alimentar da população. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é identificar os impactos mais relevantes da globalização na produção e no consumo de arroz em *Les Cayes* (Haiti) e analisar, junto aos produtores e consumidores, de que forma foram impactados. A metodologia utilizada combina abordagens qualitativas e quantitativas. Baseando-se em dados primários e secundários, a pesquisa inclui uma revisão bibliográfica e a sistematização de dados estatísticos secundários. Além disso, foram realizadas, de forma aleatória, entrevistas presenciais com 40 famílias de produtores de arroz em *Les Cayes* e um levantamento online com 66 consumidores de arroz em diferentes regiões do Haiti. Os resultados obtidos mostram que os produtores de arroz são, em sua maioria, agricultores familiares, com uma área média de 1.12 hectares por produtor. Esses agricultores enfrentam diversas dificuldades, como a falta de acesso a crédito, tecnologia, assistência técnica e insumos, fatores que comprometem o aumento da produtividade. Além disso, a importação massiva de arroz impacta diretamente os preços no mercado, tornando a competição desvantajosa para os produtores locais. Do ponto de vista dos consumidores, a maioria prefere o arroz nacional, porém, devido à baixa renda, muitos são obrigados a recorrer ao arroz importado, que é mais acessível e barato no mercado. Conclui-se que, embora a globalização tenha facilitado o acesso ao arroz importado a preços reduzidos no Haiti, também enfraqueceu a produção local e aumentou a dependência das importações. A ausência de políticas públicas eficazes para apoiar os produtores agrava essa situação. Para fortalecer o setor agrícola e reduzir essa dependência, seria essencial a implementação de subsídios para os produtores locais, investimentos em infraestrutura e políticas que incentivem a produção nacional.

Palavras-chave: Globalização; Produção de Arroz; Importação; Competitividade; Haiti.

EDOUARD, Sayowana. **Impacts of Globalization on Rice Production in Les Cayes (Haiti)**. 2025. 67. Undergraduate Thesis (Rural Development and Food Security) – Federal University for Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2025.

ABSTRACT

Globalization is a phenomenon that has significantly shaped the world economy, especially in developing countries. In Haiti, agriculture is among the most affected sectors, particularly rice cultivation, one of the most consumed cereals in the country. One of the central issues investigated is the impact of market liberalization and imports on local rice production and consumption. At the end of the 20th century, economic liberalization promoted by international financial institutions and implemented in Haiti significantly reduced import tariffs, allowing the massive entry of subsidized rice from abroad, especially from the United States. This process led to a loss of competitiveness for local producers, affecting not only the rural economy but also the country's food security. In this context, the objective of this study is to identify the most relevant impacts of globalization on rice production and consumption in *Les Cayes* (Haiti) and to analyze, together with producers and consumers, how they have been affected. The methodology used combines qualitative and quantitative approaches. Based on primary and secondary data, the research includes a literature review and the systematization of secondary statistical data. In addition, face-to-face interviews were conducted randomly with 40 rice-farming families in *Les Cayes* and an online survey was conducted with 66 rice consumers in different regions of Haiti. The results show that rice producers are mostly smallholder farmers, with an average land size of 1.12 hectares per producer. These farmers face various challenges, such as a lack of access to credit, technology, technical assistance, and input factors that hinder productivity growth. Moreover, the massive importation of rice directly impacts market prices, making competition disadvantageous for local producers. From the consumers' perspective, the majority prefer locally grown rice; however, due to low incomes, many are forced to opt for imported rice, which is more accessible and affordable in the market. The study concludes that while globalization has facilitated access to imported rice at lower prices in Haiti, it has also weakened local production and increased dependence on imports. The absence of effective public policies to support producers exacerbates this situation. To strengthen the agricultural sector and reduce this dependence, it would be essential to implement subsidies for local producers, invest in infrastructure, and establish policies that encourage national production.

Keywords: Globalization; Rice Production; Imports; Competitiveness; Haiti.

EDOUARD, Sayowana. **Impactos de la globalización en la producción de arroz en Les Cayes (Haití)**. 2025. 67. Trabajo de Conclusión de Curso (Desarrollo Rural y Seguridad Alimentaria) – Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2025.

RESUMEN

La globalización es un fenómeno que ha moldeado significativamente la economía mundial, especialmente en los países en desarrollo. En Haití, la agricultura es uno de los sectores más afectados, particularmente el cultivo de arroz, uno de los cereales más consumidos en el país. Una de las principales cuestiones investigadas es el impacto de la liberalización del mercado y las importaciones en la producción y el consumo local de arroz. A finales del siglo XX, la liberalización económica promovida por instituciones financieras internacionales e implementada en Haití redujo significativamente los aranceles de importación, permitiendo la entrada masiva de arroz subsidiado del extranjero, especialmente de Estados Unidos. Este proceso provocó una pérdida de competitividad para los productores locales, afectando no solo la economía rural, sino también la seguridad alimentaria del país. En este contexto, el objetivo de este estudio es identificar los impactos más relevantes de la globalización en la producción y el consumo de arroz en *Les Cayes* (Haití) y analizar, junto con los productores y consumidores, de qué manera han sido afectados. La metodología utilizada combina enfoques cualitativos y cuantitativos. Basándose en datos primarios y secundarios, la investigación incluye una revisión bibliográfica y la sistematización de datos estadísticos secundarios. Además, se realizaron entrevistas presenciales aleatorias con 40 familias productoras de arroz en *Les Cayes* y una encuesta en línea con 66 consumidores de arroz de diferentes regiones de Haití. Los resultados muestran que los productores de arroz son en su mayoría pequeños agricultores, con una superficie promedio de 1.12 hectáreas por productor. Estos agricultores enfrentan diversas dificultades, como la falta de acceso a crédito, tecnología, asistencia técnica e insumos, factores que comprometen el aumento de la productividad. Además, la importación masiva de arroz impacta directamente en los precios del mercado, haciendo que la competencia sea desfavorable para los productores locales. Desde la perspectiva de los consumidores, la mayoría prefiere el arroz nacional; sin embargo, debido a los bajos ingresos, muchos se ven obligados a recurrir al arroz importado, que es más accesible y barato en el mercado. El estudio concluye que, aunque la globalización ha facilitado el acceso al arroz importado a precios reducidos en Haití, también ha debilitado la producción local y ha aumentado la dependencia de las importaciones. La ausencia de políticas públicas eficaces para apoyar a los productores agrava esta situación. Para fortalecer el sector agrícola y reducir esta dependencia, sería esencial implementar subsidios para los productores locales, invertir en infraestructura y establecer políticas que fomenten la producción nacional.

Palabras clave: Globalización; producción de arroz; importaciones; competitividad; Haití.

EDOUARD, Sayowana. Impacts de la mondialisation sur la production du riz aux Cayes (Haïti). 2025. 67. Mémoire de licence (Développement rural et sécurité alimentaire) – Université Fédérale d'Intégration Latino-Américaine, Foz do Iguacu, 2025.

RÉSUMÉ

La mondialisation est un phénomène qui a considérablement façonné l'économie mondiale, en particulier dans les pays en développement. En Haïti, l'agriculture est l'un des secteurs les plus touchés, notamment la culture du riz, l'une des céréales les plus consommées du pays. L'une des principales questions abordées est l'impact de la libéralisation du marché et des importations sur la production et la consommation locale de riz. À la fin du XXe siècle, la libéralisation économique, encouragée par des institutions financières internationales et mise en œuvre en Haïti, a entraîné une réduction significative des droits de douane, favorisant ainsi l'entrée massive de riz subventionné en provenance de l'étranger, notamment des États-Unis. Ce processus a entraîné une perte de compétitivité pour les producteurs locaux, affectant non seulement l'économie rurale, mais aussi la sécurité alimentaire du pays. Dans ce contexte, cette étude a pour objectif d'identifier les impacts les plus significatifs de la mondialisation sur la production et la consommation de riz aux Cayes (Haïti) et d'analyser, en collaboration avec les producteurs et les consommateurs, comment ils ont été affectés. La méthodologie utilisée combine des approches qualitatives et quantitatives. Basée sur des données primaires et secondaires, la recherche comprend une revue de la littérature et la systématisation de données statistiques secondaires. En outre, des entretiens en face à face ont été menés au hasard avec 40 familles de riziculteurs aux Cayes et une enquête en ligne a été réalisée auprès de 66 consommateurs de riz dans différentes régions d'Haïti. Les résultats montrent que les producteurs de riz sont majoritairement des petits exploitants agricoles, avec une superficie moyenne de 1,12 hectares par producteur. Ces agriculteurs font face à de nombreuses difficultés, notamment le manque d'accès au crédit, à la technologie, à l'assistance technique et aux intrants, des facteurs qui compromettent l'augmentation de la productivité. En outre, l'importation massive de riz influe directement sur les prix du marché, rendant la concurrence désavantageuse pour les producteurs locaux. Du point de vue des consommateurs, la majorité préfère le riz local ; cependant, en raison de faibles revenus, beaucoup sont contraints d'acheter du riz importé, plus accessible et moins cher sur le marché. L'étude conclut que, bien que la mondialisation ait facilité l'accès au riz importé à des prix réduits en Haïti, elle a également affaibli la production locale et accru la dépendance aux importations. L'absence de politiques publiques efficaces pour soutenir les producteurs aggrave cette situation. Pour renforcer le secteur agricole et réduire cette dépendance, il serait essentiel de mettre en place des subventions pour les producteurs locaux, d'investir dans les infrastructures et d'adopter des politiques encourageant la production nationale.

Mots-clés: mondialisation; production du riz. Importations; compétitivité. Haïti.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Republica do Haiti	20
Figura 2 – Mapa do Municipio Les Cayes	24
Figura 3 – Faixa etária dos produtores entrevistados	36
Figura 4 – Tamanho da área de produção (em hectares) das famílias entrevistadas	37
Figura 5 – Vínculos organizativos dos produtores rurais entrevistados	39
Figura 6 – Variedade de arroz cultivada entre as famílias entrevistadas	41
Figura 7 – Porcentagem de arroz colhido que é vendido	42
Figura 8 – Avaliação da produção no Haiti ao longo das últimas décadas	42
Figura 10 – Faixa etária dos consumidores entrevistadas	46
Figura 11 – Região do Haiti vem o Arroz nacional consumido	49
Figura 12 – Porcentagem de arroz consumido no ano pela família	50

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Riz au djondjon (Arroz com Cogumelos)	31
Fotografia 2 – Riz Collé (Baião de dois)	31
Fotografia 3 – Fotos das propriedades das famílias entrevistadas	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJEBEPAAH	Associação de jovens de bergeaud para o avanço da agricultura no Haiti
APDG	Associação de produtores de arroz em Gelée
AJEPLAR	Associação de Jovens Produtores de arroz em Gelée
EMMUS	Enquête Mortalité, Morbidité et Utilisation des Services
FSAE	Faculdade de Ciências Agrárias e Ambientais
HRW	Human Rights Watch
IHSI	Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique
MARNDR	Ministère de l'Agriculture, des Ressources Naturelles et du Développement Rural
MTPTC	Ministères des Travaux publics, des transports et communications
OMC	Organização Mundial do Comércio
UCHAPALO	União de cidadãos haitianos ativos na proteção da agrobiodiversidade local
USITA	Université SEED International Institute Of Tropical Agriculture
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
WFP	World Food Programme

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
2.1 BREVE APRESENTAÇÃO GERAL DO PAÍS	18
2.2 CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO RURAL HAITIANO.....	20
2.3 APRESENTAÇÃO DE LES CAYES	23
3. IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI	25
3.1 BREVE DEFINIÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO	25
3.2 A APRESENTAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI.....	26
3.3 IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI	28
.....	
3.4 A PRODUÇÃO DO ARROZ NO HAITI	30
4. IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DE ARROZ EM LES CAYES	35
4.1 CARACTERÍSTICAS DOS PRODUTORES DE ARROZ EM LES CAYES	35
4.2 PRODUÇÃO DE ARROZ LES CAYES NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	40
.....	
4.3 CONSUMIDORES DE ARROZ NO HAITI NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	46
.....	
5) CONSIDERAÇÃO FINAL	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXO I.....	60

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ser frequentemente associada ao final do século XX, a globalização é um processo complexo e multidimensional, cujas raízes remontam a tempos muito mais antigos. Seu desenvolvimento ganhou novo impulso na segunda metade da década de 1970, com o fortalecimento do papel do Estado e a ascensão do “Thatcherismo” no Reino Unido e do “Reaganismo” nos Estados Unidos, nas décadas de 1980, sendo impulsionado por profundas transformações políticas e econômicas (LEME, 2010). Embora a globalização tenha sido abordada mais recentemente pelos cientistas sociais, seu alcance é vasto e abrange diversas interpretações e dimensões. Neste trabalho, discutiremos a globalização sob a ótica econômica.

De maneira geral, a globalização caracteriza-se por um aumento significativo nas transações comerciais e financeiras em um cenário internacional cada vez mais aberto, interconectado e sem fronteiras. Nesse contexto, muitos países têm sido incentivados a adotar normas comuns e a aderir à tributação internacional, impulsionando a expansão do mercado global. Um dos aspectos mais notáveis da globalização contemporânea é a predominância dos processos financeiros e econômicos globais em relação aos locais e nacionais. A disseminação do livre comércio, o crescimento tanto em número quanto em dimensão das corporações transnacionais — que operam como sistemas de produção integrados — e a intensificação da circulação de capitais são características marcantes da economia atual (MARTINE, 2005).

Conforme Popolim (2019), citando Mesquita (2013), desde a criação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) em 1947, no contexto dos acordos do pós-guerra, as tarifas de importação foram progressivamente reduzidas. Essa medida tornou os produtos importados mais acessíveis, facilitando a expansão do comércio internacional e tornando as transações comerciais mais flexíveis. Décadas depois, a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995 visou à liberalização do comércio global, incentivando a redução de barreiras tarifárias e restringindo o uso de barreiras não tarifárias, como as barreiras sanitárias (POPOLIM, 2019; BARBOSA, 2010). Isso implica que a globalização promove a interdependência entre os países

por meio da circulação de capitais, bens e outros recursos, além de incentivar a liberalização e a intensificação do comércio, fundamentadas na economia de mercado e na concorrência, frequentemente impulsionadas por inovações tecnológicas.

Conforme Roig (1997), a globalização é composta por Estados-nação soberanos e está fortemente alinhada com os interesses do capitalismo americano, que lidera muitos dos setores produtivos e exerce grande influência sobre a dominação global do poder econômico dos Estados Unidos.

A globalização promete mercados abertos e novas oportunidades, mas, com o tempo, seus benefícios não têm sido igualmente distribuídos entre os diferentes grupos. A pobreza global aumentou, não apenas em regiões historicamente mais pobres, como América Latina, Ásia e África, mas também na Europa Oriental e na antiga União Soviética. Os países ricos, por sua vez, experimentaram um crescimento da desigualdade de renda, com níveis comparáveis aos da década de 1930. A globalização não afeta apenas a economia de um país ao ampliar os índices de pobreza, mas também enfraquece as relações humanas que anteriormente existiam entre as nações (ATAÍDE, 1997).

Além disso, a globalização dos mercados não só trouxe uma maior variedade de alimentos às nossas mesas, mas também aumentou a dependência dos produtos alimentares importados (FAO, 2019). Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar os impactos mais significativos da globalização na produção e no consumo de arroz em *Les Cayes* (Haiti). Os objetivos específicos são: i) analisar os impactos da globalização na produção agrícola no Haiti; ii) investigar como a globalização afeta a produção e o consumo de arroz em *Les Cayes*; iii) entender, por meio de entrevistas com agricultores e consumidores, de que forma eles foram impactados pela globalização.

De acordo Saint-Louis (2021), o arroz é o principal cereal consumido no Haiti, com um consumo per capita superior a 45 kg por ano. Conforme Dimanche (2018), citando le Nouvelliste (2008), antes da liberalização do mercado internacional, o arroz era consumido uma vez por semana ou em ocasiões especiais. O país ocupa a 48ª posição em consumo per capita entre 169 nações, enquanto a média global é de 53 kg per capita. No entanto, a maior parte do arroz consumido no país é importada, totalizando mais de 400.000 toneladas métricas anualmente. Esse volume faz com que o arroz seja o principal produto alimentar importado nesse país e isso tudo

constitui uma ameaça à produção local, comprometendo também a soberania alimentar.

A produção de arroz no Haiti sofreu uma queda drástica devido à redução progressiva das tarifas de importação. A alíquota, que era de 50% em 1986, foi reduzida para 35% em 1987 e chegou a apenas 3% a partir de 1995. E, em 2019, o Ministério da Economia e Finanças do Haiti anunciou a suspensão temporária do imposto sobre o valor agregado do arroz importado (FAO, 2019; GILBERT, 2012). Essas mudanças fragilizaram os produtores nacionais e contribuíram para a transformação dos hábitos alimentares da população haitiana.

A realização deste trabalho é necessária devido à escassez de estudos acadêmicos que abordem esse tema na cidade de *Les Cayes*, situada no Sul do Haiti. Além disso, busca evidenciar os impactos da globalização nos aspectos econômicos e socioculturais dos produtores de arroz, que precisam ser analisados para que o Estado reconheça os desafios enfrentados por esses agricultores e desenvolva estratégias e políticas públicas voltadas ao fortalecimento e à ampliação da produção de arroz na região.

O trabalho adota uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, com base em dados primários e secundários. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos científicos relacionados ao tema do TCC, seguida da sistematização de dados secundários obtidos junto ao *Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique* (IHSI) e ao *Ministère de l'Agriculture, des Ressources Naturelles et du Développement Rural* (MARNDR).

Além disso, foi conduzida uma pesquisa de campo com produtores de arroz em *Les Cayes*, entre setembro e dezembro de 2024, e uma pesquisa online via Whatsapp com consumidores, entre outubro e novembro do mesmo ano. Para a coleta de dados junto aos agricultores, foi aplicado um questionário em crioulo haitiano a 40 famílias produtoras de arroz (Anexo 1). A seleção foi feita de forma aleatória, abrangendo todas as comunas da região: *Camp-Perrin, Les Cayes, Chantal, Île à Vache, Maniche e Torbeck*. Na região de *Les Cayes*, os questionários foram aplicados presencialmente, com o apoio de Meet-Clove Mesidor, estudante de agronomia do Instituto Internacional de Agricultura Tropical da Universidade SEED (USITA) e nativo da região. A verificação e complementação dos dados foram realizadas online via WhatsApp. Quanto à pesquisa com consumidores, um formulário do Google, contendo

perguntas em crioulo haitiano (Anexo 2), foi respondido via WhatsApp a 66 famílias consumidoras de arroz, selecionadas aleatoriamente em diferentes regiões do país.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, é apresentada uma revisão bibliográfica abordando a caracterização do espaço rural. O segundo capítulo traz a definição da globalização e os impactos desse fenômeno sobre a produção agropecuária no país. O último capítulo foca especificamente nos efeitos da globalização sobre os produtores da região e consumidores país, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

2. BREVE DESCRIÇÃO DO ESPAÇO RURAL NO HAITI

Este capítulo descreve a história do Haiti desde o período colonial até os dias atuais, bem como suas características geográficas. Além disso, apresenta as características dos espaços rurais do Haiti, incluindo as atividades econômicas predominantes. Por fim, discorre sobre o espaço rural da cidade de Les Cayes, no departamento de Sud, na qual apresenta o arroz como uma das atividades predominantes entre os agricultores familiares.

2.1 BREVE APRESENTAÇÃO GERAL DO PAÍS

Em dezembro de 1492, após explorar outras ilhas do Caribe, Cristóvão Colombo chegou na Ilha do Haiti. Impressionado com sua semelhança com a Espanha, nomeou a ilha de Hispaniola, que significa "Pequena Espanha". Na época, a ilha estava dividida em cinco cacicatos, ou estados, cada um governado por um cacique. Magua era liderado por Guarionex, Higüey por Cayacoa, Maguana por Caonabo, Xaragua por Bohecio e Marien por Guacanagaric (ARDOUIN, 1832).

No século XVII, teve início a ocupação da parte ocidental da ilha de São Domingos por flibusteiros franceses. Posteriormente, a Espanha cedeu essa região à França pelo Tratado de Ryswick, concedendo aos franceses direitos sobre a área que já ocupavam. Foi nesse contexto que surgiu o crioulo haitiano, resultante da fusão do francês normando, utilizado pelos proprietários das plantações de açúcar, com os dialetos africanos trazidos pelos escravizados de diferentes etnias. Em agosto de 1791, uma grande revolta de escravizados eclodiu contra os colonizadores franceses, marcando o início da Revolução Haitiana. Em 4 de fevereiro de 1794, a Convenção Nacional Francesa aprovou um decreto abolindo a escravidão em Saint-Domingue, refletindo as transformações políticas que ocorriam na França naquele período. Toussaint Louverture, uma das figuras centrais da revolução, desempenhou um papel crucial na unificação das diferentes camadas sociais na luta pela emancipação. No entanto, com a resistência francesa e as sucessivas revoltas dos escravizados, o conflito se intensificou e evoluiu para uma luta pela independência do Haiti, conquistada em 1804 (LECLERC, 2024; TÉLÉMAQUE, 2012).

O Haiti tornou-se, assim, o primeiro país negro a se tornar independente e a segunda colônia das Américas a romper com o domínio europeu, depois dos Estados Unidos. Após a independência, Jean-Jacques Dessalines, sucessor de Louverture, proclamou-se imperador com o título de Jacques I, inspirando-se em Napoleão para instaurar um regime autocrático. No entanto, ele foi assassinado por seus próprios aliados em 1806. Com sua morte, o país foi dividido: no norte, Henri Christophe estabeleceu um reino e autoproclamou-se rei; no sul, Alexandre Pétion, um mulato defensor da democracia constitucional, instaurou uma república e posteriormente se declarou presidente vitalício. Após a morte de ambos, Jean-Pierre Boyer assumiu o poder e reunificou o Haiti mais uma vez (LECLERC, 2024; TÉLÉMAQUE, 2012 APUD MHAVE, 2012).

A República do Haiti (Figura 1) é um pequeno país insular e montanhoso, com uma área de 27.750 quilômetros quadrados — aproximadamente o tamanho da Bélgica ou do estado de Sergipe e uma população de 11,905,897 habitantes, Localizado entre 18° e 20°6' de latitude norte e entre 72°20' e 74°30' de longitude oeste, o país faz parte da região do Caribe e compartilha a ilha de Hispaniola com a República Dominicana, (FRENAT; WESZ JUNIOR, 2024 APUD IHSI, 2021).

O Haiti ocupa o terço ocidental de Hispaniola, a segunda maior ilha do Caribe, enquanto a República Dominicana está situada nos dois terços restantes. A fronteira entre os dois países se estende por 360 quilômetros. A paisagem haitiana é predominantemente montanhosa, com cadeias escarpadas intercaladas por pequenas planícies costeiras e vales fluviais. O norte do país está a aproximadamente 80 quilômetros a leste de Cuba, e a capital, Porto Príncipe, localiza-se na região oeste. Administrativamente, o Haiti é dividido em 10 departamentos: Artibonite, Centre, Grande-Anse, Nippes, Nord, Nord-Est, Nord-Ouest, Ouest, Sud e Sud-Est. Além disso, o território inclui seis ilhas satélites: Île de la Tortue (na costa norte), La Gonâve (a noroeste de Porto Príncipe), Île à Vache (no extremo sudoeste), Cayemites (na costa norte da península) e Île Navassa. O país também conta com 146 comunas e 571 seções comunais (LECLERC, 2024; SERGILE, 2008; TÉLEMAQUE, 2012).

Em suma, a história do Haiti é amplamente reconhecida e serve de exemplo para muitos países africanos e outras nações que buscavam sua independência, sendo a primeira nação negra a conquista-la. O Haiti foi o primeiro

país negro a derrotar um exército poderoso da época, tornando-se uma inspiração para aqueles que almejavam a liberdade e a autodeterminação.

Figura 1 – Mapa da Republica do Haiti



Fonte: Worldmaps (2024).

2.2 CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO RURAL HAITIANO

Segundo Pierre (2024), o espaço rural haitiano é aquele espaço que não pertence ao ambiente urbano, que é caracterizado pela predominância de atividades agrícolas que abastecem o país, especialmente a capital. Em relação à população rural, ela refere-se às pessoas que vivem em áreas rurais e pode ser calculada como a diferença entre a população total e a população urbana. No entanto, a agregação das populações urbana e rural nem sempre fornece uma estimativa precisa da população total, devido às diferenças na cobertura de dados entre os países. Além disso, não existe um padrão universalmente aceito para distinguir áreas

urbanas de rurais, em parte devido à grande diversidade de situações entre os países. No caso do Haiti a população rural era de 5.505,685 em 2000, mas diminuiu para 4.833,33 em 2021, refletindo uma alta taxa de êxodo rural ao longo desses anos. Em 2021, a maioria da população haitiana era urbana, com 58% da população vivendo em áreas urbanas. Em relação à área de terrenos rurais, observa-se uma diminuição proporcional. Em 1990, a área rural era de 26.008 km², caiu para 25.809 km² em 2000 e para 25.688 km² em 2015 (BANCO MUNDIAL, 2024; FAOSTAT, 2024).

Antes de 1791, a sociedade haitiana estava dividida em três categorias: o primeiro grupo era composto pelos brancos ou funcionários públicos; o segundo grupo incluía o liberto e o escravo nascido no sistema escravista como *crioulo*, os negros e mulatos e o terceiro grupo era formado dos escravos trazidos da África, conhecidos como *bossales*. Após a expulsão do primeiro grupo da ilha, ocorreu uma grande disputa entre os crioulos e os *bossales* sobre a apropriação do patrimônio colonial. Os crioulos monopolizaram os meios de produção dos brancos, pois possuíam mais familiaridade com o uso das ferramentas e, ao mesmo tempo, mantinham o controle das plantações, da língua, da cultura, da religião e da organização estatal. Por outro lado, os *bossales* se viram excluídos e relegados a terras abandonadas, onde se estabeleceram como camponeses, cultivando a terra e praticando o *vodu*¹, o *lakou*² e a *plaçage*³. Neste período, o país estava em risco de uma explosão social, caracterizada pela desunião, mal-entendidos e falta de comunicação entre esses dois grupos (BARTHELEMY, 1989).

¹ O vodou é uma síntese única de crenças africanas trazidas para o país pelos escravos durante a era colonial, combinadas com elementos do catolicismo devido à influência dos colonizadores franceses, a prática do vodou haitiano também inclui o uso da magia e feitiçaria para diversos fins, como cura, proteção, vingança ou manipulação de eventos (LIMA et al, 2024).

² O lakou original baseava-se na realidade africana de que criar filhos era uma responsabilidade muito grande para apenas uma ou duas pessoas e que era mais saudável para as crianças - e para as mães - estar em contato com um amplo círculo de pessoas e compartilhar as responsabilidades parentais. Historicamente, lakou refere-se aos grupos de casas em que as famílias haitianas residem, bem como à forma de família estendida e multigeracional que é predominante na cultura haitiana (EDMOND et al, 2007, p 19-20.).

³ É compreendida como uma forma de união matrimonial, caracterizada por um acordo entre duas pessoas de sexos diferentes, geralmente de origens sociais semelhantes, que decidem compartilhar suas vidas de maneira estável e duradoura, com os direitos e deveres inerentes à relação. A união, contudo, não possui valor legal, de modo que não se enquadra nos ritos prescritos pelo Código para o casamento civil (LASSARD, 2024, p 359).

Após a independência do Haiti, a cultura camponesa desenvolveu um sistema autorregulado, caracterizado pela ausência de um poder institucional forte e pela predominância do individualismo – uma relação de "o indivíduo contra o Estado". Esse sistema rejeitava instituições intermediárias organizadas e hierárquicas, baseando-se, em vez disso, em estruturas voltadas para as relações interpessoais e de reciprocidade, como o *konbit* (trabalho comunitário coletivo), ao invés de instituições formais. A família constitui a unidade básica da sociedade rural haitiana. Embora a estrutura de linhagem baseada no *lakou* tenha perdido parte de sua coesão, a profunda associação entre terra e religião dentro do núcleo familiar continua sendo um pilar central da cultura camponesa. Na ausência de um Estado forte, a *sorcellerie* (feitiçaria) tornou-se um mecanismo de defesa social entre os camponeses, utilizado para resolver conflitos interindividuais. Práticas como o *vodu* e o culto aos *loas*⁴, transmitidas como heranças familiares, são incorporadas ao cotidiano, especialmente em momentos de doença, fome ou morte. Outra característica marcante do meio rural haitiano é a gestão não salarial do trabalho, organizada por meio de formas tradicionais como o (*konbit, eskwad e avanjou*)⁵. Além disso, o *plaçage* continua sendo a forma mais comum de constituição familiar no campo. Essa prática, profundamente enraizada na tradição haitiana, remonta ao período colonial, quando os camponeses evitavam o casamento formal para escapar dos altos custos envolvidos (BARTHELEMY, 1989; MORAL, 1978).

Reconhecida como a colônia mais próspera do mundo no século XVIII (MAGALHÃES, 2015), o país figura atualmente como um dos países mais vulneráveis e com a maior instabilidade alimentar do mundo (WFP, 2023). Dos dois terços da população que viviam em áreas rurais, até 80% estavam em situação de pobreza, sendo que mais de 65% se encontravam na extrema pobreza. A insegurança alimentar é uma realidade alarmante nas zonas rurais, agravada por condições ambientais adversas e pelo crescimento populacional. Apesar de a agricultura continuar sendo o principal pilar da economia rural haitiana, o setor enfrenta inúmeras dificuldades. A

⁴ Divindades ou espíritos intermediários que atuam como vínculos (pontes) entre os praticantes e o mundo espiritual/sagrado (LIMA et al., 2024, P 42).

⁵ Associações de trabalho impuseram-se no mundo camponês após a independência (1804). Elas baseiam-se na reciprocidade e na troca de serviços e qualquer retribuição monetária é muito rara (Mézié, 2018)

maioria dos agricultores possui acesso limitado a ferramentas, maquinário e insumos agrícolas, especialmente sementes e fertilizantes melhorados, o que impacta diretamente a produtividade. Além disso, o Haiti está exposto a furacões e tempestades tropicais frequentes, fatores que, combinados com as altas taxas de erosão do solo, reduziram significativamente sua fertilidade e prejudicaram a produção agrícola. Essas condições resultam em perdas anuais na produtividade, tornando ainda mais desafiador o desenvolvimento do setor agrícola (COELLO et al., 2014).

Em suma, a sociedade haitiana sempre foi marcada por profundas desigualdades sociais, conflitos culturais e a ausência de um Estado institucional forte. Esses fatores levaram ao desenvolvimento de uma cultura camponesa autorregulada, fundamentada na solidariedade comunitária e em tradições como o *konbit*, o *lakou* e o *plaçage*. No entanto, o contínuo declínio da população rural, aliado ao aumento da pobreza extrema nessas regiões, evidencia a necessidade urgente de políticas públicas eficazes e de investimentos estruturantes. O fortalecimento da agricultura, a promoção da segurança alimentar e a melhoria das condições de vida no campo são essenciais para garantir um futuro mais sustentável e resiliente para a população rural do Haiti.

2.3 APRESENTAÇÃO DE LES CAYES

Les Cayes é uma comuna costeira do departamento Sul do Haiti (Figura 2), com uma topografia predominantemente plana e um clima quente. Com uma área aproximada de 325 km², é a terceira maior cidade do país. Ela está localizada ao sul de Porto Príncipe, a cerca de 188 km do centro da capital do Haiti. Ela é limitada a leste pela foz do Ilet e pela foz da Ravine du Sud, ao sul e a oeste pela foz da Ravine du Sud e pela ponte da mesma ravine. A oeste, encontram-se os bairros de Vernet e Dexia, e ao noroeste, a extensão de Bréfette (MONDESIR, 2016).

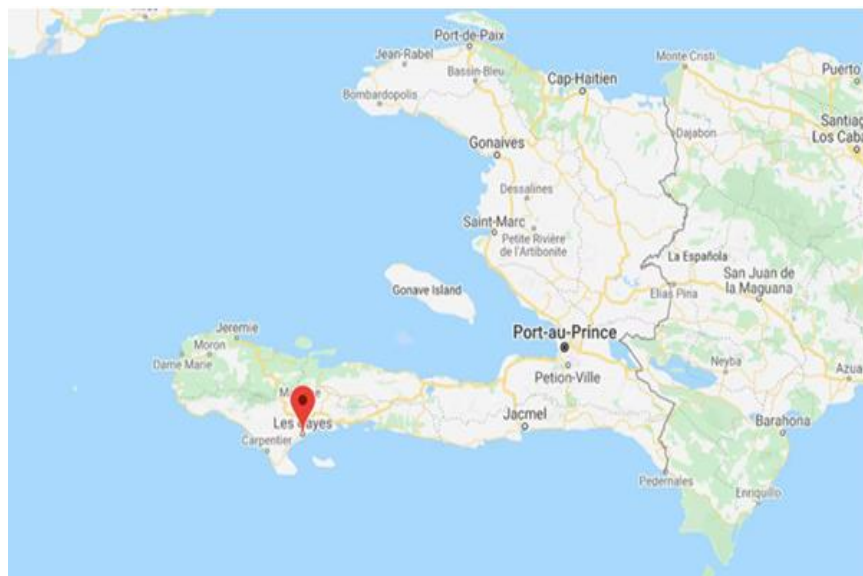
A cidade foi fundada há cerca de 525 anos pelos Taínos e, ao longo dos séculos, recebeu influências culturais de diversos grupos de origem africana e europeia. Além de seu papel econômico, *Les Cayes* é conhecida por suas paisagens naturais, incluindo a internacionalmente famosa praia de Gelée, uma das mais longas e populares do Haiti. Tal cidade historicamente tem sido altamente vulnerável a

desastres naturais devido à sua posição geográfica no departamento Sul. Desde 1680, a cidade foi atingida por diversos furacões devastadores, causando grandes prejuízos, especialmente para os camponeses (CHARLES, SILVA e CASTRO, 2020; MONDESIR, 2016; RELIEFWEB, 2012).

De acordo com o *Ministère des travaux publics, des transports et communications* (MTPTC citando o *Institut National Haïtien de Statistique et d'Informatique* (IHSI, 2015), a população do município foi estimada em 151.696 habitantes, dos quais 58.04% residiam na área urbana e 41.96% na zona rural. As mulheres são ligeiramente mais numerosas do que os homens, representando cerca de 50.9% da população total da comuna.

A zona orizícola do Sul do Haiti apresenta uma diversidade topográfica e condições ambientais que impactam a produção agrícola, sobretudo o cultivo de arroz. A principal área produtora está localizada na vasta planície de *Les Cayes*, incluindo a comuna de Torbeck, onde o sistema de irrigação é bem desenvolvido. Tal planície possui um suave declive em direção a *Camp-Perrin* e inclui áreas propensas a inundações. Nessas regiões mais baixas, a agricultura se desenvolve próxima às áreas urbanas, refletindo a expansão da cidade sobre a planície (PAUL; PRESSOIR, 2016).

FIGURA: 2- Mapa do Município Les Cayes



Fonte: Google maps (2024).

3. IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI

Este capítulo analisa o impacto da globalização sobre a produção agrícola e seus efeitos sobre os produtores rurais, concentrando-se no caso da cidade de *Les Cayes* no Haiti. Ele apresenta uma visão geral sobre o fenômeno e de como esse processo, que promove o comércio e as conexões internacionais, reforça as desigualdades, principalmente nos países subdesenvolvidos e aqueles em vias de desenvolvimento.

3.1 BREVE DEFINIÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

A globalização é um processo que, segundo Al-Rodhan (2006), envolve as causas, os desdobramentos e as consequências da integração transnacional e transcultural de atividades humanas e não humanas. Esse fenômeno não se limita à integração econômica, social e cultural, mas também atua como um fator que intensifica as desigualdades globais. Robinson (2009) observa que essa transformação impacta as relações entre produção e territorialidade, gerando novas dinâmicas de exclusão, especialmente nos países periféricos.

Ianni (1994), em sua obra *A Sociedade Global*, argumenta que a globalização transforma o mundo em uma sociedade transnacional, na qual o capital e os mercados assumem um papel predominante, enquanto as fronteiras nacionais se tornam mais frágeis. No entanto, esse processo não ocorre de forma homogênea, pois intensifica desigualdades preexistentes, especialmente em países subdesenvolvidos, como o Haiti. Por outro lado, Santos (2011), em “A Globalização e as Ciências Sociais”, diferencia duas faces desse fenômeno: a globalização hegemônica, impulsionada pelo capital, e a globalização contra hegemônica, que busca alternativas para uma integração global mais equitativa. Dentro do cenário haitiano, a agropecuária, um setor essencial para a sobrevivência da maioria da população rural, é enormemente afetada pela globalização hegemônica.

Conforme apontado por Robinson (2009), o influxo de investimentos estrangeiros nas atividades agrícolas frequentemente resulta na desestabilização das economias locais, empurrando pequenos agricultores para fora de suas terras e estimulando migrações internas e externas. Por exemplo, políticas comerciais globais e intervenções estrangeiras no Haiti resultaram na importação massiva de arroz subsidiado, principalmente dos Estados Unidos, tornando inviável a competição de agricultores locais. Esse tipo de "invasão comercial", que Ianni classifica como um reflexo do domínio capitalista global, destruiu economias locais e promove a dependência externa.

Na visão de Santos (2011), o conhecimento local é frequentemente marginalizado por modelos globais de desenvolvimento que desconsideram a sustentabilidade social e ambiental. No Haiti, práticas agrícolas tradicionais, culturalmente adequadas e ecologicamente sustentáveis, foram gradualmente abandonadas devido à ausência de políticas públicas e de assistência técnica, contribuindo para o deslocamento populacional e a vulnerabilidade rural.

Essas condições criam um ciclo vicioso de pobreza e emigração, já que muitos agricultores haitianos, pressionados pela falta de recursos e oportunidades, migram em busca de melhores condições. Essa relação entre globalização e migração, que Sassen (1996) examina em profundidade, reflete como fluxos transnacionais de capital e políticas moldam diretamente os fluxos de pessoas, exacerbando as desigualdades globais. Portanto, a globalização, embora promova conexões e trocas globais, também perpetua desigualdades estruturais nos países subdesenvolvidos. O caso haitiano ilustra como a produção agropecuária, essencial para o desenvolvimento do país, tem ficado crescentemente vulnerável às forças globalizantes. Alternativas contra-hegemônicas, como sugeridas por Boaventura (2011), podem incluir políticas que valorizem saberes locais e promovam a agricultura sustentável, rompendo com a dependência externa e fortalecendo as comunidades rurais.

3.2 A APRESENTAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI

A produção agropecuária no Haiti desempenha um papel central na vida econômica e social do país, ainda que seja marcada por desafios históricos e estruturais significativos (FRENAT; WESZ JUNIOR, 2024). Com base em dados históricos e contemporâneos, estima-se que, até a década de 1980, mais de 80% da população haitiana residia no campo, com a agricultura sendo responsável por mais de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do país (BLANCPAIN, 2005; BANCO MUNDIAL 2023). Entretanto, a contribuição do setor caiu drasticamente nas décadas subsequentes, representando apenas 20.3% em 2022 (BANCO MUNDIAL, 2023).

Historicamente, o setor agrícola no Haiti sempre esteve fragmentado. A estrutura fundiária é dominada por pequenas propriedades familiares, com uma área média de menos de 1 hectare por unidade de exploração agrícola e orientada à subsistência, incluindo culturas como milho, arroz, feijão e mandioca. A baixa produtividade e a precariedade refletem problemas estruturais, como falta de financiamento, baixa mecanização e ausência de suporte governamental adequado. (MARNDR, 2010). Apesar disso, produtos como café, cacau e manga ainda figuram na pauta de exportações, embora em volumes declinantes (ALTINEUS, 2015).

Entre os fatores que impactam negativamente a produção agropecuária haitiana, destaca-se a falta de infraestrutura, o acesso limitado a tecnologias modernas, as mudanças climáticas, a erosão dos solos e o apoio estatal quase inexistente (MARNDR, 2010). Adicionalmente, a agricultura enfrenta forte competição com produtos importados, que, em muitos casos, são mais baratos devido às políticas de liberalização comercial implementadas a partir da década de 1980 (FRÉGUIN; DEVIENNE, 2006).

Estas políticas de liberalização comercial fortemente influenciada por recomendações de instituições financeiras internacionais e implementada de forma drástica no Haiti, tinha como propósito inserir o país na economia global e promover a redução dos preços no mercado interno (FRENAT; WESZ JUNIOR, 2024; LÉVY, 2001). Resultou em uma crescente vulnerabilidade das economias periféricas às flutuações do mercado global (LEITE, 1996). No contexto brasileiro, Leite (1996) observa que o setor agrícola foi levado a participar do esforço exportador como parte do ajuste do balanço de pagamentos, ao mesmo tempo em que assistia à escassez dos recursos destinados ao crédito rural. No Haiti, com a implementação do Plano de

Ajuste Estrutural pelo conselho do governo militar em 1986, o Estado adotou uma série de medidas econômicas. Essas ações incluíram a abertura dos portos provinciais, a modificação das tarifas alfandegárias, a eliminação das taxas sobre exportações e das exigências de autorização para importação. Além disso, foi promulgada uma lei especial que revogou disposições anteriores destinadas à proteção da produção nacional (BAPTISTE, 2007). No Haiti a abertura comercial foi implementada sem considerar a realidade da produção agrícola local, bem como os possíveis impactos socioeconômicos e alimentares resultantes dessas medidas. No caso do arroz, a política econômica neoliberal se manifestou por meio da significativa redução das tarifas sobre a importação desse produto (FRENAT; WESZ JUNIOR, 2024).

Em suma podemos dizer que a produção agropecuária no Haiti é um reflexo das dinâmicas históricas, estruturais e políticas que moldaram o país ao longo dos séculos. Apesar do potencial para promover a segurança alimentar e reduzir a pobreza rural, o setor enfrenta desafios significativos que incluem falta de investimento, dependência de importações e marginalização frente as iniciativas estatais.

3.3 IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NO HAITI

A importância das atividades agropecuárias na economia haitiana é historicamente significativa. Entretanto, o setor enfrenta desafios críticos, especialmente relacionados à liberalização do mercado e ao impacto das políticas de ajuste estrutural. Conforme analisado por Frenat e Wesz Junior (2024), a liberalização econômica promovida pelas instituições financeiras internacionais desde os anos 1980 resultou em uma redução significativa das tarifas de importação no Haiti. Este processo levou a um aumento massivo da entrada de produtos agropecuários, particularmente do arroz norte-americano. O impacto foi devastador para a produção local, que perdeu competitividade diante de um mercado inundado por produtos importados mais baratos.

Altineus (2015) destaca que 85% dos produtores de arroz no Haiti possuem pequenas propriedades, com média de 0,3 hectares. Essas pequenas unidades familiares de produção agrícola, já fragilizadas por limitações estruturais como falta de crédito e acesso limitado a tecnologias modernas, não conseguiram competir com o arroz subsidiado dos Estados Unidos. Segundo a FAO (2022), a dependência crescente de importações tornou o Haiti vulnerável a oscilações nos preços internacionais e à insegurança alimentar, dado que mais de 70% do arroz consumido atualmente no país é importado.

Historicamente, o Haiti se destacou na exportação de produtos como café, cacau e algodão. Contudo, Frenat e Wesz Junior (2024) observam que o setor perdeu relevância devido a mudanças políticas e econômicas. A redistribuição de terras após a independência, que favoreceu a criação de pequenas propriedades, reduziu a escala de produção voltada para o mercado internacional. Por sua vez, Pierre-Charles (1993) aponta que, embora essa mudança tenha empoderado pequenos agricultores, também fragmentou o setor e limitou sua capacidade de atender às demandas externas.

Por outro lado, a falta de investimento em infraestrutura e em políticas de apoio aos agricultores contribuiu para o declínio das exportações. Em um cenário onde países concorrentes contam com subsídios governamentais significativos, os produtores haitianos enfrentam desvantagens estruturais e logísticas (BISSINDÉ, 2023). Esse descompasso reflete-se na atual dependência de produtos importados, agravando o *déficit* comercial do país.

Richardson et al. (2022) enfatizam a necessidade de revisar as políticas neoliberais no Haiti. A ausência de tarifas para produtos como o arroz prejudica a soberania alimentar e limita as oportunidades para os agricultores locais. Uma solução possível seria a implementação de tarifas moderadas para produtos importados, acompanhada de políticas que incentivem a produção nacional, como crédito acessível, capacitação técnica e infraestrutura de transporte. Outro ponto crucial nesse sentido é o fortalecimento das cadeias de exportação. Segundo Étienne (2023), investimentos em certificações de qualidade e parcerias com mercados internacionais poderiam revitalizar produtos como café e cacau. Além disso, o autor ressalta que uma política agrária mais inclusiva e integrada é essencial para promover

um equilíbrio entre a produção de alimentos para consumo interno e a geração de excedentes para exportação.

De fato, a situação da importação e exportação agropecuária no Haiti reflete um conjunto de desafios históricos e estruturais agravados pelas políticas neoliberais. Embora a liberalização do mercado tenha facilitado a chegada de produtos a preços acessíveis, isso também impactou negativamente a produção local e intensificou a dependência de recursos externos. Além disso, a falta de crescimento nas exportações indica uma urgente necessidade de um suporte mais robusto ao setor produtivo. Para superar esses desafios, é essencial combinar estratégias de proteção do mercado interno com políticas que fomentem a competitividade no mercado internacional. O futuro da agricultura haitiana depende de uma abordagem integrada que valorize tanto os pequenos agricultores quanto às potencialidades do país no cenário global.

3.4 A PRODUÇÃO DO ARROZ NO HAITI

A produção de arroz no Haiti tem raízes profundas na história do país e está intimamente ligada às suas práticas agrícolas e hábitos alimentares. Durante o período colonial e, por muito tempo, era considerado um alimento de ocasiões especiais, consumido principalmente aos domingos e em festividades. Antes dos anos 1980, o Haiti era amplamente autossuficiente na produção de arroz, com plantações concentradas na região do Vale do Artibonite, que ainda hoje é a principal zona produtora do país (JOSLING, 2017). Com o tempo, o arroz se tornou um alimento básico na dieta haitiana. Ele é frequentemente consumido em pratos tradicionais, como o *djondjon* (arroz com cogumelos) e o *riz collé* (baião de dois), refletindo a adaptação do ingrediente aos sabores locais. A versatilidade do arroz o tornou popular em muitas refeições, servindo como acompanhamento ou base para pratos mais elaborados.

Fotografia1 - Riz au djondjon (Arroz com cogumelos)



Fonte: L´union suite (2017).

Fotografia 2 - *Riz collé* (Baião de dois)



Fonte: Bon appétit (2022).

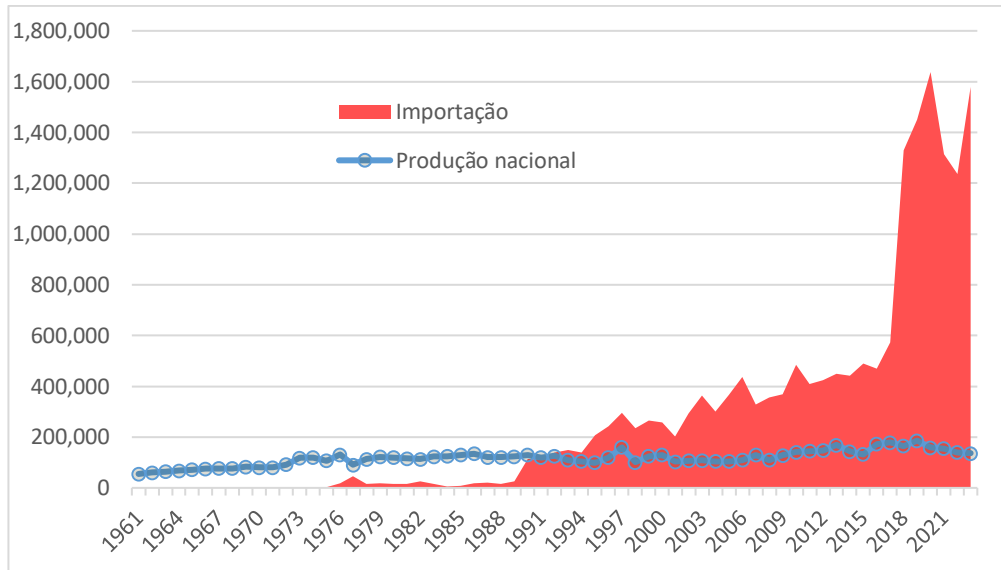
A produção de arroz no Haiti enfrenta desafios significativos, incluindo problemas de infraestrutura, acesso a insumos e mudanças climáticas. Contudo, as reformas de liberalização econômica implementadas a partir dos anos 1980 e 1990 reduziram drasticamente as tarifas sobre a importação de arroz, tornando o produto importado mais barato do que o arroz local. Como resultado, a produção nacional foi prejudicada, e o arroz importado, sobretudo dos Estados Unidos, passou a dominar o mercado haitiano (FRÉGUIN e DEVIENNE, 2006).

Esse processo fica evidente ao analisar a evolução da produção nacional e da importação de arroz no Haiti ao longo dos últimos anos (Figura 3), Durante o período de Duvaliériste, de 1957 a 1986, o mercado local foi protegido da política de comércio nacional, o mercado de arroz era seguro e o país era quase autossuficiente no fornecimento de arroz, especialmente porque esse cereal não era tão presente na cesta básica haitiana. Após a saída do presidente, iniciou-se a liberalização do mercado, favorecendo as importações maciças de arroz, principalmente dos Estados Unidos, sem nenhuma medida de acompanhamento para ajudar os agricultores locais (REDON; PETIT BEL, 2017). Isso pode ser visto na (Figura 3), que mostra que na década de 1960 até 1980, a produção nacional de arroz foi significativamente estável, com pequenas flutuações.

Um pequeno aumento nas importações de arroz começou por volta de 1975 e, em seguida, no final de 1980, como resultado da liberalização do mercado, houve um aumento excessivo na produção de arroz no país. A partir dos anos 2000, as importações aumentaram exponencialmente, durante esse período não houve grande mudança no arroz nacional enquanto o número de consumidores aumenta, em 2019 houve a maior tonelada de importações de arroz desde 1961, em 2020 a 2021 houve uma queda nas importações de arroz devido ao *peyi lòk*⁶ e a Covid-19. Petricone (2020) afirma que, em alguns dos países mais pobres do mundo, a fome causada pela Covid-19 é uma das principais causas da escassez de alimentos, com filas de pessoas esperando por comida, aumento de preços e menos importações.

Figura 3 - Produção e importação de arroz (toneladas) no Haiti (1961-2023)

⁶ Refere-se à paralisação completa da economia haitiana após os movimentos sociopolíticos observados antes, durante e depois do COVID-19. Ela se manifestou no fechamento de estradas, mercados, escolas e outras atividades econômicas (CIGUINO; PAUL, 2022 apud MANIGAT, 2020). O primeiro episódio de *Peyi lòk* foi registrado em 6 e 7 de julho de 2018, como parte dos protestos que surgiram após o anúncio do governo haitiano sobre o aumento repentino do preço dos produtos petrolíferos, sobrecarregado por episódios de *Peyi lòk* que paralisaram a economia de forma mais duradoura (CIGUINO; PAUL, 2022).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados FAO (2024).

Com o aumento da importação, o arroz se consolidou como o principal alimento da dieta haitiana. Segundo Josling (2017), até a década de 1980, o milho e o milheto eram os principais alimentos consumidos pela população rural, sendo o arroz reservado para ocasiões especiais. No entanto, a acessibilidade ao arroz importado mudou esse padrão alimentar, tornando-o um elemento central da alimentação diária dos haitianos.

O impacto da liberalização econômica sobre a produção agrícola também é evidente em regiões como *Arcahaie*, onde os agricultores, diante da concorrência com o arroz importado, passaram a se especializar em outras culturas, como a banana-da-terra, para gerar renda e comprar arroz estrangeiro (FRÉGUIN; DEVIENNE, 2006). Esse fenômeno evidencia a marginalização da agricultura tradicional e a dependência crescente da população em relação às importações.

Apesar da predominância do arroz importado, a revitalização da produção nacional continua sendo um objetivo estratégico para o Haiti. Josling (2017) destaca três principais medidas que poderiam impulsionar o setor: aumento das tarifas sobre importações, subsídios aos fertilizantes e introdução de seguros para as colheitas. Essas medidas ajudariam a tornar o arroz produzido localmente mais competitivo, reduzindo a dependência externa. No entanto, desafios estruturais, como a fragmentação das propriedades agrícolas, a degradação ambiental e a falta de investimentos em infraestrutura rural, dificultam a recuperação do setor. Os autores

Fréguin e Devienne (2006) ressaltam que a pobreza extrema da população rural também é um fator limitante, pois muitos agricultores não têm recursos para investir em melhorias produtivas.

4. IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DE ARROZ EM LES CAYES

Neste capítulo, apresenta-se uma breve descrição das características dos produtores de arroz no distrito de *Les Cayes* e dos seus consumidores em diferentes regiões do Haiti. Nesse sentido, são abordados aspectos importantes tais como: o nível de escolaridade, a faixa etária, a participação em organizações e também as condições de vida e das unidades de produção. A segunda parte do capítulo analisa a percepção dos produtores e consumidores de arroz sobre os impactos da globalização.

4.1 CARACTERÍSTICAS DOS PRODUTORES DE ARROZ EM LES CAYES

Entre os 40 entrevistados, 92.5% são homens e apenas 7.5% são mulheres. Esse fenômeno pode ser interpretado como uma manifestação de desigualdade social no acesso à palavra falada, na qual os homens detêm uma posição de maior vantagem, especialmente em áreas rurais, onde a estrutura familiar patriarcal é mais predominante. Ademais, para aprofundar o tema, Michel (2018) aborda a desigualdade econômica e o papel das mulheres, na qual o trabalho masculino é remunerado, enquanto o trabalho feminino não é, ou seja, as mulheres se dedicam predominantemente às atividades domésticas e aos cuidados dos filhos, mas são os homens que participam das reuniões e que têm mais acesso à palavra.

No total, essas famílias somam 184 pessoas, com uma média de 4.6 membros por família. A família mais numerosa conta com 10 pessoas, enquanto a menor tem apenas um integrante. No que diz respeito à distribuição etária, Pierre (2024) aponta que muitos jovens abandonam o meio rural devido a desafios socioeconômicos e ambientais, migrando para as cidades em busca de melhores condições de vida, oportunidades de emprego e acesso à educação superior. Esses jovens veem a migração como um caminho para superar a pobreza e a falta de perspectivas no campo.

Essa é uma situação presente entre as famílias entrevistadas, visto que entre os membros das famílias entrevistadas, 7.5% tinham entre 25 a 30 anos, 17.5% estavam na faixa etária de 31 a 40 anos, 30% tinham entre 41 e 51 anos, e 42.5% eram idosos com 60 anos ou mais (Figura 4). O entrevistado mais jovem tinha 25 anos, e o mais velho, 82 anos. É notável que, apesar da idade avançada, muitos idosos continuam ativos na agricultura, mantendo a produção familiar mesmo diante das dificuldades. A análise também revela que o interesse pela agricultura aumenta com a idade, sendo os jovens os menos engajados no setor. Entre os principais fatores para esse afastamento, destaca-se o êxodo rural, como apontado acima.

Figura 4 - Faixa etária dos produtores entrevistados

Faixa etária	Quantidade	%
25 – 30	3	7.5
31 – 40	7	17.5
41 – 59	12	30
60+	17	42.5
Total	40	100

Fonte: Pesquisa do campo (2024).

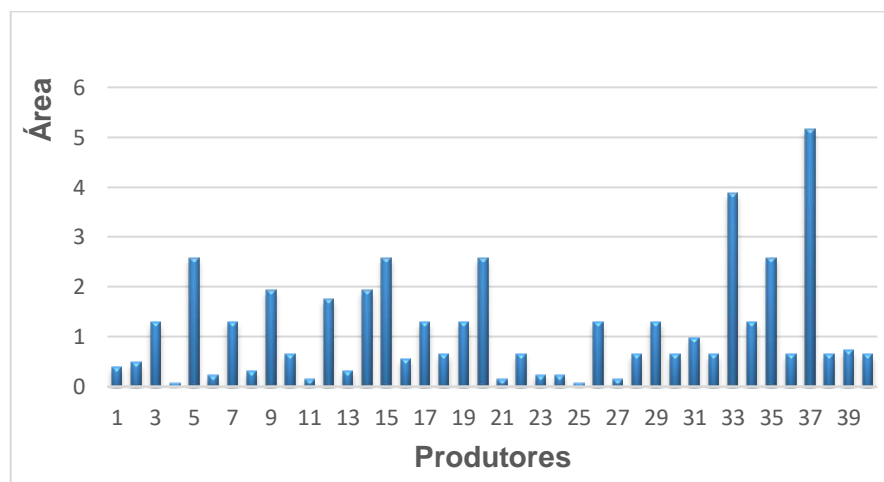
Quanto ao nível de escolaridade, uma grande parte dos entrevistados possui o ensino fundamental incompleto, representando 27.5% da amostra. Além disso, 15% concluíram o ensino fundamental, 20% possuem ensino médio e 17,5% chegaram ao ensino superior. O restante dos entrevistados (20%) são analfabetos. Esses dados indicam um baixo nível de escolarização entre a população estudada, uma vez que poucos possuem formação avançada.

Em relação à posse e distribuição de terras, verificou-se que as 40 famílias entrevistadas possuem, no total, 44.89 hectares de terra, com uma média de 1.12 hectares por família. Esse número supera a média de terra de um agricultor familiar no país, que geralmente possui menos de 1 hectare por unidade de produção. No caso dos pequenos produtores de arroz, essa média é ainda menor, chegando a aproximadamente 0.3 hectare (ALTINEUS, 2015; MARNDR, 2010).

Os dados evidenciam uma distribuição desigual de terras entre as famílias pesquisadas. Enquanto as famílias 4 e 25 possuem a menor área, com apenas 0.077 hectares, as famílias 33 e 37 possuem as maiores extensões, sendo 3.87 hectares e 5.16 hectares, respectivamente (Figura 5). A discrepância entre a família com maior área e a com menor área é significativa, destacando a necessidade de políticas voltadas ao ordenamento fundiário.

Além disso, nem todas as famílias entrevistadas possuem terras próprias. No total, 67.5% são proprietárias de suas terras, sendo que algumas foram adquiridas por herança e outras por compra. No entanto, 32.5% das terras pertencem a associações, 15% são terras arrendadas para produção e 5% são terras ocupadas. Muitas famílias, devido à pequena extensão de suas propriedades, recorrem ao arrendamento ou à associação com terceiros para viabilizar a produção agrícola.

Figura 5 – Tamanho da área de produção (em hectares) das famílias entrevistadas



Fonte: Pesquisa do campo (2024).

No que diz respeito ao uso da terra, a maioria das famílias pratica a agricultura, com destaque para o cultivo de arroz, mas também beterraba, milho, pimentão e repolho, além da criação de animais, sobretudo cabras. No entanto, o principal objetivo da produção é a venda: 97.5% dos entrevistados afirmam produzir para comercialização. Dentro desse grupo, 69.23% destinam a produção tanto para venda quanto para autoconsumo, enquanto 28.27% produzem exclusivamente para o

mercado. Apenas 2.5% das famílias produzem exclusivamente para autoconsumo. A Fotografia 3 traz algumas imagens acerca do cultivo do arroz em Les Cayes.

Fotografia 3 – Fotos das propriedades das famílias entrevistadas



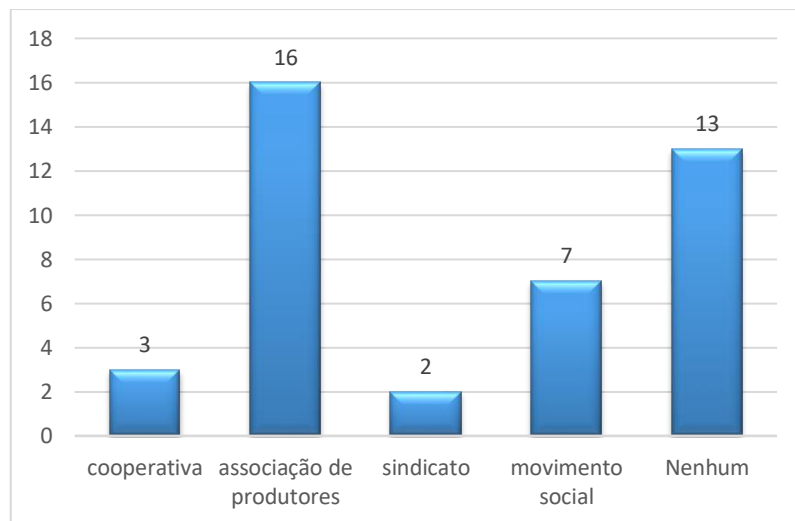
Fonte: Pesquisa do campo (2024).

Nas zonas rurais, onde uma única atividade não pode satisfazer plenamente as necessidades das famílias, estas combinam actividades agrícolas e não agrícolas para satisfazer as suas necessidades. Essa diversificação da renda familiar é um processo transitório e cíclico que se intensifica com a crise do modelo produtivo, sendo chamada de pluriatividade (NESTOR, 2024 *apud* CARNEIRO, 2009). Isso ocorre entre os entrevistados, pois a grande maioria das famílias concentra seus esforços na comercialização da produção, mas, mesmo assim, seus rendimentos não são suficientes para cobrir todas as despesas. Para complementar a renda, muitos agricultores buscam outras fontes de trabalho fora do setor agrícola. Entre as atividades exercidas, destacam-se o mototáxi, o magistério e a construção civil.

No que se refere às políticas públicas (Figura 7), 75% das famílias não têm acesso a nenhum tipo de suporte governamental. Apenas 25% recebem

algum tipo de assistência, como suporte técnico e acesso a maquinário agrícola, fornecidos por organizações não governamentais de Taiwan. Em termos organizativos, das 40 famílias entrevistadas, apenas 3 estão integrados a cooperativas, 7 a movimentos sociais e apenas 2 a sindicatos, enquanto 16 famílias são vinculadas a associações de produtores e 13 não são associadas a nenhum. Em relação à associação, essas famílias entrevistadas partem de quatro associações diferentes e de regiões diferentes, a saber: Associação de Jovens de Bergeaud para o Avanço da Agricultura no Haiti (*Association des Jeunes de Bergeaud pour l'Avancement de l'Agriculture d'Haiti- AJEBEPAAH*), Associação de Produtores de Arroz em Gelée (*Association des Planteurs du Riz á Gelée- APDG*), Associação de Jovens Produtores de Arroz em Gelée (*Association des Jeunes Planteurs du Riz á Gelée-AJEPLAR*) União de cidadãos haitianos ativos na proteção da agrobiodiversidade local (*Union des citoyens Haitiens Actifs pour la Protection de l'Agro-biodiversité Locale- UCHAPALO*). Todas essas associações tem como foco a promoção do desenvolvimento rural.

Figura 6 – Vínculos organizativos dos produtores rurais entrevistados



Fonte: Pesquisa do campo (2024).

A maioria dos participantes no estudo atribui uma classificação de "regular" à sua condição de vida (48%), enquanto 35% declaram que esta é boa, 13% afirmam que é ótima e apenas 5% consideram ruim.

Em suma, os agricultores entrevistados são predominantemente idosos, possuindo uma média de 1,12 hectares de terra por família, valor superior à média nacional dos agricultores familiares. Todavia, face ao constante êxodo rural dos jovens, a continuidade da prática agrícola nos próximos anos apresenta-se como um desafio. Eles têm como atividade predominante a agropecuária, sendo que a maioria destes camponeses produzem para venda. No entanto, este rendimento não é suficiente para responder às suas necessidades, o que significa que enfrentam problemas econômicos expressivos. Além disso, o Estado não está presente no meio rural, pois são poucos os que têm acesso às políticas públicas, que são fornecidas por organizações não governamentais.

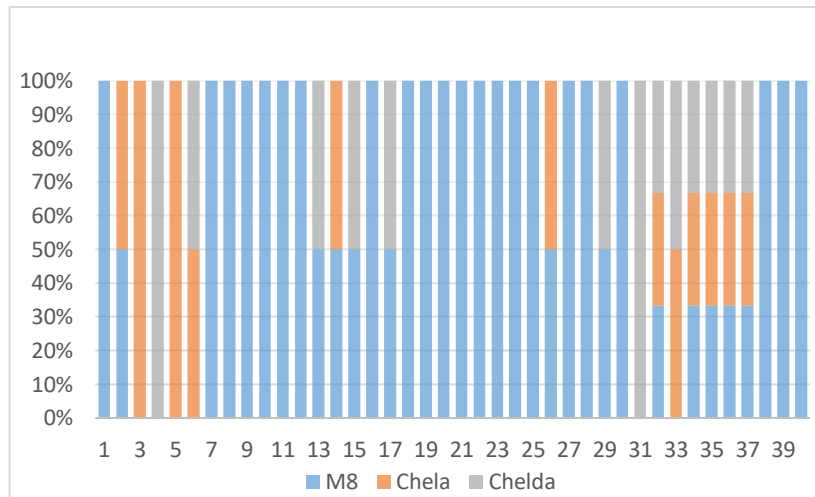
4.2 PRODUÇÃO DE ARROZ EM LES CAYES NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

O país apresenta três grandes regiões que se destacam pela produção de arroz. Segundo o Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural (MARNDR), no período de 2014-2015, as principais zonas são, em primeiro lugar, a Artibonite, seguida pela planície de *Les Cayes*, e, em terceiro, algumas regiões do norte (Saint-Raphaël e Grison-Garde). Além disso, o Nordeste (Ferrier e planície de Maribaroux) e as Nippes (planície de Abraham) também figuram como importantes áreas de cultivo.

Das 40 famílias entrevistadas, 57.5% sempre cultivaram arroz, o que indica que o conhecimento sobre seu cultivo foi transmitido ao longo das gerações. Além disso, 37.5% começaram a cultivá-lo há duas gerações, enquanto apenas 5% iniciaram o plantio na geração atual, o que demonstra que a maioria dos produtores tem experiência consolidada na atividade. Segundo Samuel (2017), o M8 é uma variedade de arroz local da região de *Les Cayes*, amplamente apreciada pelos moradores. Os dados da pesquisa corroboram essa afirmação, identificando três principais tipos de arroz cultivados na região: M8, Chelda e Shela. O arroz M8 se destaca como o mais cultivado, presente em 85% das propriedades. Em seguida, o arroz Chelda é cultivado por 32.5% dos agricultores, e o Shela por 27.5%. A maioria das famílias cultiva exclusivamente o arroz M8. Das 40 famílias entrevistadas, 34 plantam essa variedade, e, dentre elas, 26 produzem apenas arroz M8 (Figura 7). A

produção total da última safra foi de 27,416.15 kg, com uma média de 685.40 kg por produtor. Conclui-se que o arroz M8 é a principal variedade cultivada na região, desempenhando um papel dominante na produção local. Além disso, a área média cultivada por agricultor é de 0.69 hectares, sendo toda ela irrigada.

Figura 7 – Variedade de Arroz cultivada entre as famílias entrevistadas



Fonte: Pesquisa do campo (2024).

Na última safra, a maioria das 40 famílias concentrou-se mais na venda de seus produtos. Metade das famílias entrevistadas vende de 80 a 100% de seu produto colhido (Figura 8), enquanto 17 vendem de 60 a 70%, e as três restantes vendem de 40 a 59% ou de 0 a 39% de sua colheita. Portanto, embora seja frequente o autoconsumo, os produtores têm priorizado a comercialização do arroz. A maioria de suas vendas é feita diretamente na unidade de produção, em estado bruto, com os *révendè* (pessoas que compram grandes quantidades para vender a outras pessoas). Conforme Redon, Petit-Bel (2017) e Osthe (2023), muitas vezes o arroz nacional é comprado por mulheres comerciantes ou pela *Madan sara*, mulheres que visitam geralmente as unidades de produção dos agricultores e compram grandes quantidades das suas colheitas para as vender noutras comunas, nomeadamente nas grandes cidades. Elas vão diretamente até os campos dos agricultores do vale, compram e depois se encarregam do branqueamento e da comercialização a nível local, departamental ou nacional. Às vezes os agricultores também vendem nos

mercados públicos da região aos consumidores finais, como *maché Jedi* (mercado da quinta-feira), *mache Kay Fè* e *mache Rélai*.

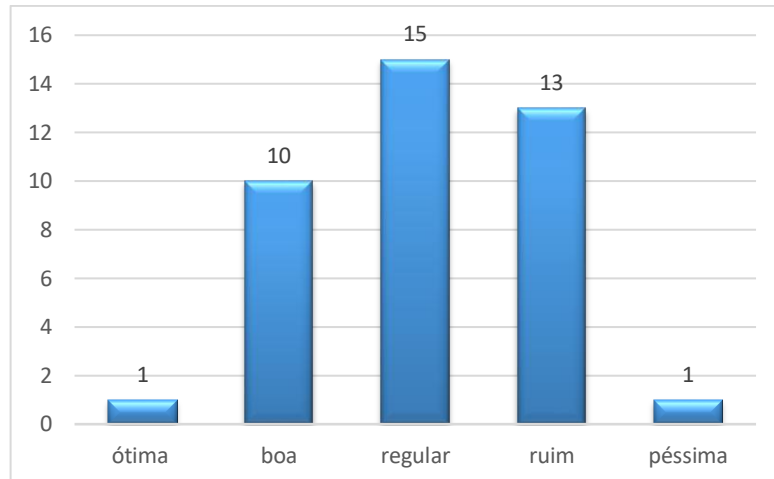
Figura 8 – Percentagem de arroz colhido que é vendido

Quantidade de Percentagen de venda	Numero de familia
0 - 39 %	2
40 - 59 %	1
60 – 79 %	17
80 - 100 %	20

Fonte: Pesquisa do campo (2024).

Em relação ao espaço de produção de arroz, 72.5% declaram que o espaço destinado à sua produção permanece o mesmo nos últimos anos. As principais razões apontadas pelos produtores são a dificuldade financeira, o alto custo do trabalho e a falta de equipamentos e de terras para trabalhar, além da incapacidade de alugar ou comprar terras. Entre os 17.5% dos produtores que aumentaram a área de produção, isso ocorreu porque queriam produzir mais e tinham a possibilidade de fazê-lo. Os 10% restantes comentaram que a área de produção de arroz diminuiu devido ao custo de produção, que aumenta e os produtores investem mais do que ganham. Alguns comentam que isso se deve à falta de mecanização da agricultura e à falta de força para trabalhar devido à idade avançada e à saúde debilitada. No entanto, a maioria das famílias declara que a produção é regular, enquanto outras dizem que está pior (Figura 9).

Figura 9 – Avaliação da produção no Haiti ao longo das últimas décadas



Fonte: Pesquisa do campo (2024).

Segundo Etienne (2023), em sua pesquisa sobre o vale de Artibonite, vários agricultores relataram a ausência de apoio financeiro, assistência técnica e acesso a equipamentos agrícolas para suas atividades. Um dos entrevistados afirmou ter abandonado três hectares de terra devido à concorrência do arroz importado, que é comercializado a preços mais baixos no mercado local.

Além disso, os agricultores enfrentam um aumento significativo nos custos operacionais, especialmente devido ao encarecimento dos fertilizantes e outros insumos agrícolas. Eles atribuem essa situação às políticas neoliberais impostas por instituições financeiras internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, que, segundo eles, contribuem para a fragilização da produção agrícola local. Da mesma forma, os produtores da região de *Les Cayes* afirmam que os principais fatores responsáveis pela estagnação da produção nacional de arroz no Haiti são, em primeiro lugar, a falta de financiamento e assistência técnica, confirmada por 32 famílias. Em segundo lugar aparece a falta de equipamentos e tecnologia modernos, confirmada por 29 famílias. Já em terceiro lugar está a liberalização e o aumento das importações, afirmados por 11 famílias, além do problema climático.

De acordo com Bélony (2023), os Estados Unidos respondem por 70 a 80% das importações de arroz do Haiti, tornando o país o terceiro maior importador do arroz americano. Contudo, ao se indagar sobre o motivo principal da ausência de crescimento da produção de arroz nacional no Haiti em relação a outros fatores precedentes, emerge a questão crucial sobre a real importância das importações de arroz nesse contexto. Isso porque, 55% das famílias responderam que a questão da

importação massiva de arroz, principalmente o americano, é prejudicial aos produtores nacionais. Inclusive 65% responderam que a importação maciça de arroz é a principal razão para a falta de aumento do arroz nacional. Alguns entrevistados afirmam que os consumidores recorrem ao arroz importado porque seu preço é mais baixo do que o do arroz nacional, o que reduz o número de produtores e a quantidade produzida. Por outro lado, 35% dos entrevistados dizem que a importação maciça de arroz não prejudica os produtores, afirmando que os consumidores têm seus próprios gostos e escolhas, e que a produção nacional de arroz não pode atender à demanda porque não tem os meios para produzir em quantidade suficiente.

Em outras palavras, os produtores de arroz dessa região enfrentam muitos problemas relevantes que precisam de intervenção urgente do Estado ou, pelo menos, de organizações não governamentais, como crédito rural e financiamento para que possam investir em sua produção, criar cooperativas agrícolas para aproveitar seus recursos e sua força de trabalho e também políticas comerciais e tributárias, igualmente importantes para facilitar o acesso do arroz aos mercados internos e protegê-los da concorrência do arroz importado.

Com o intuito de competir no mercado de arroz com os produtos importados, os produtores rurais adotaram diferentes estratégias. Vinte e cinco famílias confirmaram que buscaram mercados que pagam mais pelo produto, e doze dessas famílias confirmaram que buscaram reduzir as despesas e os custos de produção, enquanto onze declaram estar cultivando mais arroz e buscando aumentar a produtividade por área. Por fim, oito informam que estão cultivando menos arroz para sobreviver à concorrência, destinando a área para outros cultivos, como beterraba, milho, pimentão e repolho. Segundo as famílias entrevistadas, a fim de modificar tal cenário, 90% delas afirmam que o Estado deveria oferecer crédito agrícola e assistência técnica, sendo que 80% vêm solicitando tal apoio. Ademais, 32.5% das famílias entrevistadas solicitaram um aumento nas tarifas de importação, enquanto 22.5% demandaram a construção de infraestrutura.

Em relação à importação de arroz para o país, 30% dos produtores afirmam que o arroz enfrenta maiores desvantagens em relação a outros produtos agrícolas, pois o arroz é um dos cereais mais consumidos no Haiti e a importação de arroz é mais acessível, o que prejudica a economia dos produtores, além de ser o produto mais cultivado nessa região. Por outro lado, 70% dos entrevistados afirmam

que o arroz não apresenta maiores desvantagens em comparação com outros produtos agrícolas, pois a importação em grandes quantidades afeta todos os setores agrícolas, não apenas o arroz.

O arroz é um cereal muito apreciado pela população, embora seja caro, sobretudo o cereal doméstico. Atualmente, o preço do arroz nacional bruto, medido em 6 livros (2.934 kg), varia entre 750 e 1.000 gourdes, na moeda do Haiti, enquanto o preço do arroz importado preparado varia entre 500 e 950 gourdes por 6 livros (2.934 kg). A situação atual do país, marcado por múltiplas crises⁷, é prejudicial para 75% dos produtores, que afirmam que ela está afetando a produção de arroz, pois muitas estradas estão intransitáveis devido a bloqueios realizados por bandidos. Ademais, os produtores relatam dificuldade em adquirir insumos e enfrentam a falta de assistência, o que contribui para um sentimento de abandono e desamparo. Apesar dos obstáculos mencionados, a maioria dos produtores (97.5%) afirma que continuará a produzir arroz em virtude da lucratividade do setor em comparação com outros setores de produção.

Em suma, a globalização exerce um impacto significativo sobre o desenvolvimento rural da região de *Les Cayes*, notadamente no setor de arroz. A liberalização do comércio externo, que resulta em um aumento da importação de arroz, sobretudo dos Estados Unidos, configura-se como um dos principais desafios enfrentados pelos agricultores locais, quando o arroz importado é mais barato e acessível aos consumidores. Tal conjuntura, portanto, enfraquece a produção nacional e sua economia, reduzindo a rentabilidade dos agricultores e limitando o crescimento do setor. Ademais, os produtores enfrentam dificuldades estruturais, tais como a falta de financiamento, assistência técnica e mecanização. A liberalização do

⁷ Atualmente, o país atravessa crises múltiplas e interligadas, que são políticas, de segurança, económicas, sociais, alimentares, climáticas, etc., que foi intensificada após a morte do Presidente Jovenel Moïse em 2021 e com a demissão em 2024 do Primeiro-Ministro Ariel Henry sob pressão de grupos criminosos, que deixou o Estado completamente à deriva. Esta insegurança pública assola o país, onde várias milícias controlam atualmente 80% de Port-au-Prince, com um número crescente de vítimas, sejam elas mortas, feridas ou raptadas (aumento de 122% entre 2022 e 2023) (OSTHE; WESZ JUNIOR, 2024 APUD UN, 2024). Num relatório que abrange o período de agosto de 2024 a fevereiro de 2025, o Haiti foi identificado como tendo uma das proporções mais elevadas de pessoas que sofrem de insegurança alimentar aguda no mundo. Cerca de 5,5 milhões de pessoas necessitam de ajuda humanitária e 5,4 milhões enfrentam uma insegurança alimentar aguda, das quais dois milhões se encontram em situação de emergência e 6 000 pessoas enfrentam uma fome catastrófica e o colapso dos seus meios de subsistência (HUMAN RIGHTS WATCH, 2025).

mercado e a ausência de políticas eficazes de proteção para a agricultura nacional agravam essa situação. Apesar das adversidades, muitos agricultores continuam cultivando arroz, adotando estratégias para se manterem competitivos. A intervenção do Estado, por meio de crédito agrícola, assistência técnica e tarifas sobre importações, é vista pelos produtores como essencial para fortalecer a produção local e garantir um desenvolvimento rural mais sustentável.

4.3 CONSUMIDORES DE ARROZ NO HAITI NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Conforme mencionado anteriormente, 66 famílias responderam ao questionário do Google distribuído via WhatsApp sobre o tema do consumo de arroz no Haiti. A amostra foi coletada de forma aleatória, sendo que eles provem *Port Au Prince, Delmas, Gerald, Carrefour, Pétion ville, Les Cayes, la Plaine, Limbé, Artibonite, Torbeck e Jérémie*.

As 66 famílias são compostas por um total de 345 participantes, com uma média de 5,22 indivíduos por família. A família mais numerosa contava com um total de 10 pessoas, enquanto a menor família possuía apenas um participante. Dentre os entrevistados, 57,6% eram do sexo feminino e 42,4% do sexo masculino. Além disso, 3% dos entrevistados tinham menos de 20 anos, 77,3% tinham entre 20 e 30 anos, 10,6% tinham entre 31 e 40 anos e 9,1% tinham mais de 40 anos (Figura 10). A porcentagem de jovens é maior porque eles têm mais acesso à tecnologia e às redes sociais.

Figura 10 - Faixa etária dos consumidores entrevistadas

Faixa etárias	Quantidade	porcentagem
Menos de 20	2	3
20 - 30	51	77.3
31 - 40	6	9.1
41 +	7	10.6

Total	66	100
-------	----	-----

Fonte: pesquisa do campo (2024).

Em relação à escolaridade, o nível mais alto de escolaridade é o ensino superior completo, que 65.2% dos entrevistados têm, enquanto o nível mais baixo de escolaridade é o ensino fundamental incompleto, que corresponde a 3% dos entrevistados. Não há analfabetismo entre os entrevistados, e a maioria tem um alto nível de escolaridade. Esse fato justifica a razão pela qual indivíduos com maior nível de escolaridade apresentam maior probabilidade de ter acesso a pesquisas e informações, bem como de utilizar dispositivos eletrônicos com conexão à internet.

Conforme indicado pelos 66 participantes da pesquisa, o arroz é um cereal de grande relevância no contexto alimentar do país. Dentre os participantes, 64% declararam consumir arroz com frequência, 18% afirmaram consumi-lo diariamente, 14% declararam consumi-lo uma vez por semana e apenas 4% declararam consumi-lo raramente. A demanda por esse cereal é significativa nas feiras e nos mercados de rua, com 66% das famílias adquirindo arroz nesses espaços, enquanto 18% optam pelo supermercado, 12% adquirem diretamente do agricultor e 4% produzem o próprio arroz ou obtém em outros locais. A maioria das tarefas domésticas é realizada por mulheres: das 66 famílias entrevistadas, 49% disseram que suas mães cozinhavam em casa, 21% disseram que seus irmãos e irmãs cozinhavam, 19% disseram que eram os próprios entrevistados que cozinhavam e 3% disseram que eram empregadas domésticas, tias, etc.

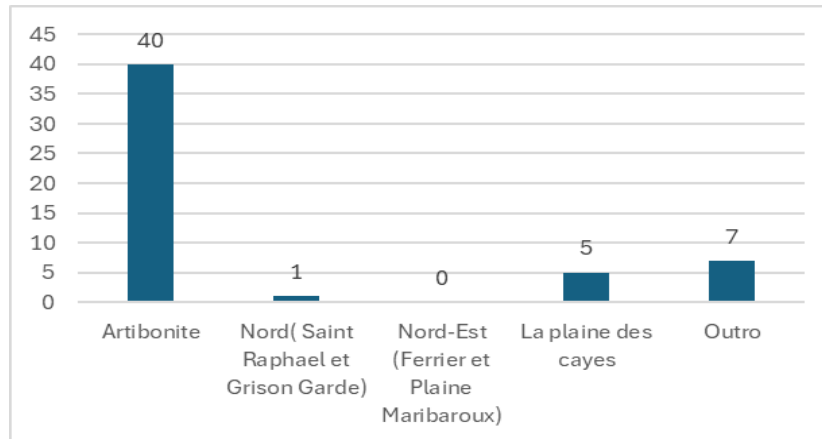
Em comparação com o arroz nacional, o arroz importado é o mais consumido no país. Isso não implica que seja o mais apreciado, mas sim o que possui maior disponibilidade no mercado, além de ser mais acessível em termos de preço. De acordo com esta pesquisa, 68% das famílias se preocupam com a origem do arroz que consomem e 56% delas conhecem a procedência do produto. No entanto, a maioria dos consumidores não tem uma escolha efetiva sobre o arroz que adquire, mas sim sobre aquele que pode ser adquirido conforme a sua capacidade financeira. De acordo com a pesquisa, 62% dos entrevistados afirmam consumir mais arroz importado do que arroz nacional. Dentre este grupo, 90% mencionam que o arroz importado é mais barato em comparação ao arroz nacional, 7% indicam que a

variedade do produto é um fator relevante e 3% apontam que consideram o arroz importado de melhor qualidade.

Por outro lado, 38% dos entrevistados afirmam consumir mais arroz nacional do que arroz importado. Entre estes, 75% alegam que o arroz nacional é mais confiável em termos de qualidade, enquanto 13% mencionam outras razões, como o fato de ser um produto nacional, com preferências relacionadas ao sabor e ao apoio à produção local. A produção de arroz é amplamente disseminada por diversos departamentos do país, com destaque para a região da Artibonite, que se destaca como a maior produtora de arroz. De fato, a maioria do arroz consumido no país provém dessa região, sendo que 76% dos consumidores de arroz nacional afirmam que o produto consumido tem origem no Artibonite. Outros 9% provêm da planície de Les Cayes, 2% do Norte, principalmente das regiões de Saint-Raphaël e Grison-Garde, e 13% de outros departamentos do país (Figura 11).

No tema da qualidade de arroz, o arroz acumula arsênio e cádmio do seu ambiente, que são metais pesados tóxicos conhecidos por causar câncer e falência de órgãos nos seres humanos. Koski-Karell e al (2024), em sua pesquisa, compraram os níveis entre amostras de arroz comercial local e importado. No caso do arsênio, foi realizado um estudo de simulação para estimar a absorção de arsênio de várias quantidades de amostras de arroz local e importado, com base no peso corporal de adultos e crianças pequenas. As concentrações médias de arsênio e cádmio no arroz importado eram quase duas vezes mais elevadas (0,15 $\mu\text{g/g}$ e 0,007 $\mu\text{g/g}$) do que no arroz local (0,07 $\mu\text{g/g}$ e 0,003 $\mu\text{g/g}$). No Haiti, o arroz importado tinha um nível médio de arsênio duas vezes superior ao dos produtos cultivados localmente, com algumas fontes importadas a excederem os limites internacionais recomendados para proteger a saúde humana. Portanto, os atuais padrões de consumo a longo prazo de arroz importado para crianças e adultos podem ter um impacto negativo na saúde no Haiti.

Figura 11 - região do Haiti vem o arroz nacional consumido



Fonte: Pesquisa do campo (2024).

Segundo Josling (2017), no período colonial, o arroz era consumido principalmente como prato nas ocasiões especiais, como aos domingos. Até quase o final do século XX, o país era autossuficiente nesse alimento básico. No entanto, atualmente o arroz é um prato do dia a dia, embora o arroz nacional seja consumido com menor frequência pelas famílias. Apenas 27% das famílias entrevistadas consomem arroz nacional nos dias festivos, 18% o consomem nos fins de semana, especialmente aos domingos. Em ocasiões especiais, 15% afirmam consumir arroz nacional, enquanto 40% o consomem em outras ocasiões, como formaturas, dias nacionais, visitas ao meio rural ou em outras situações não necessariamente especiais.

Portanto, como nos tempos passados, os padrões de consumo de arroz no país experimentaram mudanças significativas. Historicamente era reservado para ocasiões especiais durante o período colonial, enquanto que atualmente o arroz passou a fazer parte da dieta cotidiana da população. No entanto, o arroz nacional foi substituído pelo arroz importado, sendo consumido de maneira mais esporádica, principalmente durante fins de semana, ocasiões festivas ou visitas ao campo. Essa mudança nos padrões de consumo reflete não apenas mudanças culturais, mas também fatores econômicos e de mercado, como preço do produto importado.

Conforme a Figura 12, 39,4% das famílias entrevistadas afirmam consumir entre 0% e 20% de arroz nacional. 22,7% das famílias consomem entre 21% e 40% do arroz nacional. Já entre 41% e 60% de arroz nacional consumido, 10,6% das famílias o consomem, e assim por diante. Portanto, predomina uma supremacia

do arroz importando sobre o nacional. Segundo a pesquisa, o poder aquisitivo dos indivíduos exerce influência sobre a preferência pelo tipo de arroz. Entre os consumidores de arroz local, uma parte significativa é composta por pessoas com maior poder econômico, cujos salários lhes permitem adquirir o arroz nacional, outra parcela significativa é composta por pessoas residentes em áreas rurais, onde o arroz é produzido na própria região, possibilitando um acesso a um preço mais baixo.

Figura 12 - Porcentagem de arroz consumido no ano pela família

Porcentagem do arroz consumido no ano	Numero de pessoas	Porcentagem de pessoas
0 - 20	26	39.4
21 - 40	15	22.7
41 - 60	7	10.6
61 - 80	13	19.7
81 - 100	5	7.6

Fonte: Pesquisa do campo (2024).

De acordo com a pesquisa realizada, uma parte importante dos consumidores entrevistados acredita que a globalização tem um impacto direto na disponibilidade de arroz na região. Dentre os 66 entrevistados, 25 pessoas afirmaram que o arroz importado, consumido em grandes quantidades, tem afetado a produção local e a saúde das pessoas. Eles observaram que, apesar de ser mais barato, o arroz importado tem uma qualidade inferior, o que pode contribuir para problemas de saúde. Além disso, o preço acessível do arroz importado tem levado as pessoas a consumirem-no mais frequentemente do que o arroz nacional. Isso prejudica diretamente a produção de arroz local, pois o arroz nacional se torna mais caro, dificultando o acesso da população. Como resultado, os revendedores acabam não comprando grandes quantidades de arroz nacional devido ao seu preço elevado, o que leva a uma oferta limitada no mercado e, em consequência, a uma menor disponibilidade do arroz local. Esse cenário pode gerar perdas para os produtores locais e limitar as opções para os consumidores. Por outro lado, 10 dos entrevistados afirmaram que a globalização não impacta a disponibilidade de arroz na sua região,

enquanto 31 pessoas disseram não saber ou não ter uma opinião formada sobre o tema.

Em relação à disposição de pagar mais por arroz produzido localmente e de forma sustentável, 42 entrevistados afirmaram que estariam dispostos a pagar um preço mais alto por esse tipo de arroz, mas que a decisão de pagar mais dependeria de vários fatores, como uma redução nas importações excessivas de arroz e uma maior oferta de arroz nacional no mercado. Além disso, o preço e o salário de cada consumidor são determinantes para essa decisão. No entanto, 24 pessoas disseram que não estariam dispostas a pagar mais.

Em suma, os resultados demonstrados evidenciam que o processo de globalização exerce impacto significativo no consumo de arroz no país, influenciando tanto a segurança quanto a soberania alimentar. Ademais, a soberania alimentar está ameaçada, visto que os produtores locais têm experimentado uma redução de suas participações no mercado, ao passo que os consumidores dispõem de um espectro limitado de opções em virtude da escassez de estímulos à produção nacional e de suas restrições orçamentárias. A segurança alimentar, por sua vez, é afetada não só pela disponibilidade do arroz, mas também pela qualidade do produto consumido. Conforme destacado pelas pessoas entrevistadas, o arroz importado apresenta uma qualidade inferior, o que pode colocar em risco a saúde da população, como confirmado pela pesquisa de Koski-Karell e al (2024).

Como resultado, a globalização, embora aumente o acesso a diferentes produtos no mercado, apresenta desafios em termos de segurança e soberania alimentar. Nesse sentido, é imperativo que se adotem estratégias que protejam os pequenos produtores, tais como políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar e a regulamentação do mercado e garantam à população o acesso a alimentos de qualidade e de modo regular.

5) CONSIDERAÇÃO FINAL

Este estudo apresenta uma visão geral de como a globalização está impactando a produção de arroz em Les Cayes, Haiti. Para tanto, foram levados em conta os desafios enfrentados pelos produtores locais, bem como a percepção dos consumidores e a relação entre a produção nacional e a dependência do arroz importado. Com base nos resultados obtidos, percebe-se que a globalização afetou profundamente o setor agrícola haitiano, mais especificamente o setor de arroz, com consequências diretas para a economia rural, a segurança alimentar e a dinâmica social da região. O aumento das importações de arroz, notadamente dos Estados Unidos, impactou significativamente a produção nacional, em virtude das políticas de liberalização do comércio, que reduziram as tarifas de importação, tornando o arroz importado mais acessível e, portanto, reduzindo a competitividade dos produtores locais.

Ademais, a pesquisa demonstrou que a maioria dos produtores de arroz em Les Cayes cultiva pequenas áreas, com mecanização limitada e sem acesso a crédito agrícola. A escassez de infraestrutura, assistência técnica e incentivos governamentais agrava ainda mais a situação, tornando o cultivo de arroz cada vez mais difícil. Mesmo diante dessas adversidades, muitos agricultores optam por continuar a atividade, visto que a produção de arroz ainda representa uma relevante fonte de renda (quando comparado com outras atividades agropecuárias) e possui um significativo valor cultural para a população haitiana.

Em outra perspectiva, os consumidores haitianos demonstram apreciação pelo arroz produzido localmente, embora muitos optem pelo arroz importado em razão da discrepância de preço. Apesar da preferência pelo sabor e qualidade do arroz doméstico, uma parcela significativa da população carece de recursos financeiros para promover o consumo do produto nacional, o que enfatiza a importância de políticas públicas voltadas para o fomento da produção local e a mitigação da dependência das importações.

Para tanto, é imperativo que o governo haitiano implemente políticas de proteção e apoio à agricultura local, tais como crédito rural, assistência técnica e maior investimento em infraestrutura rural, subsídios para insumos agrícolas e capacitação técnica para os agricultores. Ademais, uma revisão das tarifas de importação poderia tornar o arroz haitiano mais competitivo no mercado, evitando a dependência total de produtos estrangeiros. A educação e o treinamento dos agricultores também são essenciais para garantir a sustentabilidade dessa atividade, além de atrair os jovens para o setor, reduzir o êxodo rural e promover o desenvolvimento socioeconômico das comunidades rurais.

Este trabalho destaca a importância de políticas públicas e estratégias destinadas a aumentar a produção local de arroz no Haiti, promovendo a segurança alimentar e melhorando as condições de vida dos agricultores e dos consumidores. Sem essas medidas, a dependência do arroz importado continuará a crescer, tornando o país mais vulnerável às flutuações do mercado internacional, comprometendo o futuro da produção agrícola nacional.

REFERÊNCIAS

ALTINEUS, Franky. Espaces agraires en Haïti: **structure foncière et production du riz dans le département Artibonite**. 2015. 142f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Unicamp, Campinas, 2015.

ATAÍDE, Maria Elza Miranda. **O lado perverso da globalização na sociedade da informação**. Ciência da Informação, v. 26, p. 268-270, 1997.

AL-RODHAN, Nayef Rf; STOUDEMANN, Gérard. Definitions Of Globalization: A Comprehensive Overview And A Proposed Definition. **Program On The Geopolitical Implications Of Globalization And Transnational Security**, V. 6, N. 1-21, 2006.

ARDOUIN, Beaubrun. **Géographie de l'île d'Haiti: précédée du précis et de la date des événements les plus remarquables de son histoire**. Impr. du Gouvernement, 1832.

BANCO MUNDIAL. Data.2024. **Área de terre rural (Kilometros quadrados)**. Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/indicador/AG.LND.TOTL.RU.K2?locations=HT> Acesso em: 21 nov. 2024

BANCO MUNDIAL. Data.2024. Disponível em: https://databank.worldbank.org/metadataglossary/world-development-indicators/series/SP.RUR.TOTL?_gl=1*151uxbh*_gcl_au*MTkxMDg4ODYyMi4xNzI3MDYxMzE3 Acesso em: 21 nov.2024.

BARTHÉLEMY, Gérard. **Le pays en dehors: essai sur l'univers rural haïtien**. H. Deschamps, 1989.

BISSINDÉ, Cam-naté Augusto. As relações entre Haiti e Estados Unidos: dependência e hegemonia. **Revista Hoplos**, v. 7, n. 12, p. 108-124, 2023.

BLANCPAIN, François. La condition des paysans haïtiens. Du Code noir aux ruraux. Outre-Mers - Revue d'histoire, vol. 92, no. 346, p. 348-350, 2005.

CHARLES, Charlot Jn; DA COSTA SILVA, Josué; DE CASTRO, Janio Roque Barros. O papel das mulheres nas festas populares religiosas no Haiti. **Geografia em Atos (Online)**, v. 2, n. 17, p. 117-136, 2020.

CIGUINO, Hubermane; PAUL, Bénédique. Les organisations de microfinance haïtiennes sont-elles résilientes face aux crises que traverse le pays: une étude exploratoire. **Études caribéennes**, n. 52, 2022.

COELLO, B. et al. **Rural development in Haiti: challenges and opportunities**. WorldBank, Washington, 2014.

EDMOND, Yanique M.; RANDOLPH, Suzanne M.; RICHARD, Guylaine L. The lakou system: A cultural, ecological analysis of mothering in rural Haiti. **The Journal of Pan African Studies**, v. 2, n. 1, p. 19-32, 2007.

ÉTIENNE, Bélony. **La crise de la production de riz en Haïti, comment pallier à cet effet : cas de la vallée de l'Artibonite. 2023**. 66f. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Université De Liège, Liège, Belgica, 2023.

FAOSTAT. Data. 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/fr/#country/93>
Acesso em: 24 nov. 2024

FAO e UE. Profil des systèmes alimentaires-Haïti. **Activer la transformation durable et inclusive de nos systèmes alimentaires**. Rome, Montpellier, Bruxelles, pp.1-44, 2022.

FAO. **Retos y oportunidades en un mundo globalizado**, Roma, 2019.

FREGUIN, S; Devienne, S. (2006). **Libéralisation économique et marginalisation de la paysannerie en Haïti: le cas de l'Arcahaie**. Revue Tiers Monde.

FRENAT, Faniel; JUNIOR, Valdemar João Wesz. Liberalização do mercado no Haiti e seus efeitos sobre a produção de arroz/Market liberalization in Haiti and its effects on rice production/Libéralisation du marché en Haïti et ses effets sur la production de riz. **REVISTA NERA**, v. 27, n. 3, 2024.

GILBERT, Myrtha. **Zones rizicoles d'Haïti : Vous n'en croirez pas vos yeux !**. 2012. Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article13460>>. Acesso em: 07 set.2024.

HRW. **Rapport Mondial 2025**. Disponível em: <<https://www.hrw.org/fr/world-report/2025/countrychapters/haiti#:~:text=Dans%20un%20rapport%20couvrant%20la,souffrant%20d'ins%C3%A9curit%C3%A9%20alimentaire%20aigu%C3%AB>>. Acesso em: 22 fev.2025

IANNI, Octavio. Globalização: Novo Paradigma Das Ciências Sociais. **Estudos Avançados**, V. 8, P. 147-163, 1994.

JOSLING, T. **Trois interventions sur le marché du riz en Haïti**. Copenhagen Consensus Center, 2017.

KOSKI-KARELL, Victoria et al. Retracted Article: Exposure to the global rice trade: A comparative study of arsenic and cadmium in rice consumed in Haiti. **Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development**, v. 13, n. 2, 2024.

LASSARD, Yves. Droit Coutumier Familial Haïtien. **Revista Amagis Jurídica**, v. 15, n. 1, p. 357-405, 2024.

LEBRUN, Claire, N. ; GOULET, Lucie. **Le domaine foncier et l'égalité de genre en Haïti**. (2019).

LECLERC, J. **L'aménagement linguistique dans le monde. 2024**. Disponível em: <<https://www.axl.cefanelaval.ca/index.html>> Acesso em 05 de fev, 2025.

LEME, Alessandro André. Neoliberalismo, globalização e reformas do estado: reflexões acerca da temática. **Barbarói**, n. 32, p. 114-138, 2010.

LEITE, Sérgio Pereira. **Liberalização comercial e internacionalização: condicionantes à agricultura brasileira**. Estudos sociedade e agricultura, 1996.

LIMA FILHO, Sebastiao Lacerda Et Al. Paisagens sagradas e lugares de memória: interações mágico-religiosas com os loas no vodou haitiano a partir das reflexões construídas na região de anse-à-pitres, às margens do mar do caribe. **cadernos do lepaarq (ufpel)**, P. 36-52, 2024.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. O Haiti é Aqui: Análise das informações preliminares sobre os imigrantes haitianos em Santa Catarina-Brasil. In: **VI Congresso da Associação Latino-Americana de população**. 2014.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, p. 3-22, 2005.

MÉZIÉ, Nadège. Da areia ao gado: Meninos empreendedores rurais no Haiti. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, p. 431-453, 2018.

MICHEL, Andrée. Inégalités de classe et de sexe et système agro-alimentaire en milieu rural en Amérique latine. **Genre, changements agraires et alimentation**, p. 1, 2018.

MTPTC, **Projet de connectivité résiliente et d'accessibilité du transport urbain (RUTAP) – P177210**. Disponível em: https://www.mtptc.gouv.ht/media/upload/doc/publications/RUTAP_PMPP_Avril%202022.pdf. Acesso em 08 de fev, 2025.

MONDÉSIR, J. S. S. **La gestion du transport urbain: Cas du trafic des taxis-motocyclettes dans la ville des Cayes. Période 2011-2015**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculté des Sciences Administratives de l'Université Publique du Sud Aux Cayes, Les Cayes, Haïti, 2016.

MORAL, Paul. **Le paysan haitien (etude sur la vie rurale en Haiti)**. 1978.

Nestor, F. M. (2024). **Dinâmica econômica e a presença da pluriatividade entre famílias rurais de ganthier (HAITI)**, 2024.

OSTHE, John. **Análise dos mercados agroalimentares dos agricultores de Saint-Raphael (Haiti)**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

OSTHE, John; JUNIOR, João Wesz. Abastecimento alimentar em contextos de crise: uma análise sobre o Haiti. Confins. **Revue franco-brésilienne de géographie** / **Revista franco-brasilera de geografia**, n. 63, 2024

PETRICONE, Francesco. Impacts sociaux mondiaux des stratégies de lutte contre la Covid-19. **The Tocqueville Review**, v. 41, n. 2, p. 209-229, 2020.

PIERRE-CHARLES, Gérard. **L'économie haïtienne et sa voie de développement**. pp. 272, 1993.

PIERRE, Feguens. **O êxodo rural no Haiti: características e motivos da migração para a capital Porto Príncipe**. TCC (Graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) - UNILA, Foz do Iguaçu, 2024.

POPOLIM, Welliton Donizeti. **Impactos da globalização na segurança dos alimentos**. Senac São Paulo, 2019.

PRESSOIR, Gaël et al. **Les filières agricoles haïtiennes**. 2016. Disponível em <https://agritrop.cirad.fr/580386/1/ID580386.pdf> Acesso em: 29 nov. 2024.

RICHARDSON, Matthew et al. A broken market: can increased access to broken rice decrease food insecurity in Haiti? **Food Security**, v. 14, n. 6, p.1387-1400, 2022.

ROBINSON, William I. **Saskia Sassen and the sociology of globalization: A critical appraisal**. 2009

ROIG, Charles. Globalisation, compétition, coopération: Anomie societal aléatoire, In:BUSINO, Giovanni. **Révue Européenne des sciences sociales**: Naissance du mercantilisme libéral, TOME XXV , Paris: Librairie DROZ Genève, n*109, 1997, p 75-110.

SAMUEL C. Riziculture dans le Sud: entre efforts de la coopération Haïti-Taïwan et mutisme des autorités . **le nouveliste**. 2017.

SASSEN, Saskia. Whose city is it? Globalization and the formation of new claims. **Public culture**, v. 8, p. 205-224, 1996.

SERGILE, Florence. Haiti. **Important Bird Areas in the Caribbean: Key sites for conservation**. **BirdLife International**, 2008.

SAINT-LOUIS Gardy. **L'UniQ vole au secours des agriculteurs de la plaine des Cayes et de Torbeck**. 2021. Disponível em: <<https://uniq.edu.ht/fsae/l-uniq-vole-au->

secours-des-agriculteurs-dans-la-plaine-des-cayes-et-de-torbeck/>. Acesso em: 07 set. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. Cortez, 2011.

SERGILE, Florence. Haiti. **Important Bird Areas in the Caribbean: Key sites for conservation**. **BirdLife International**, 2008.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012.

World Food Programme. **Plan stratégique de pays – Haïti (2024–2028)**. Roma. 2023

.

ANEXO I



INIVÈSITE FEDERAL ENTEGRASYON LATIN AMERIKEN
(UNILA)
PWOGRAM PÒSGRADYE NAN EKONOMI (PPGE)

Nimewo: _____

Data ___/___/___

Kesyonè pou pwodiktè diri yo an Ayiti**Karakteristik kesyone a epi espas pwodiksyon**

1. Non: _____ Siyati : _____
2. Sèks: () Gason () Fanm
3. Ki laj ou genyen ? _____ ane
4. Nivo etid: () Primè () Fondamantal () Sekondè () Inivèsite () Pyès nivo
5. Espas Abitasyon : () Nan espas ou fè jaden an () Nan vil () Lòt kote
6. Konbyen moun k ap viv avèk ou lakay ou: _____?
7. Èske w konsidere kondisyon lavi fanmi an: () trè bon () bon () plizoumwèn () move () medyok ()
8. Ki kantite espas w ap plante sou li a ye? _____ kawo
9. Tè a se: () pou ou () dimwatye () lwe () asosye () lòt mwayen
10. Ki objektif prensipal pwodiksyon agrikòl la: () pou w vann () konsomasyon fanmi () pou w lòt bagay
11. Pwodiktè a lye ak: () yon koperativ () yon asosyasyon pwodiktè () yon sendika () yon mouvman sosyal.
12. Èske w gen aksè ak politik piblik pou agrikilti: () wi () non
13. Si wi, sou ki fòm li ye: () kredi riral () asistans teknik () mache () pri () asirans () machin agrikòl () lòt

14. Ki prensipal aktivite ou fè sou espas w ap pwodwi a

15. Ki lòt sous revni ou genyen ankò andeyò pwodiksyon agrikòl la?

_____ 16.

Èske fanmi an rive kenbe tèt li ak revni nan travay agrikòl la sèlman: () wi

() non

Diri, espas, pwodiksyon, mache, defi

17. Depi konbyen jenerasyon fanmi an ap fè agrikilti: () depi toujou () dezyèm jenerasyon () premye jenerasyon

18. Ki kalite diri ou te kiltive nan dènye rekòt la:

a. _____ b. _____ c. _____

19. Ki kantite tè ou te plante diri sou li nan dènye rekòt la _____

20. Tè ou plante diri sou li wouze : () wi () non

21. Konbyen diri ou te rekòlte nan dènye rekòt la: _____

22. Nan kantite diri ou rekòlte a, ki kantite pousantaj ou te vann _____% 23. Ki kote ou vann epi ak ki moun: _____

24. Kantite tè w ap plante diri a, nan dènye ane yo: () te ogmante () rete menm jan an () diminye

Poukisa: _____ 25.

Ki jan ou evalye pwodiksyon diri a an Ayiti pandan dènye ane sa yo?

() trè bon () bon () plizoumwon () movè () trè movè

Poukisa: _____

26. Dapre ou, ki eleman prensipal ki responsab ki fè pwodiksyon diri nasyonal la rete nan menm nivo kwasans lan an Ayiti depi plizyè ane?

() Absans finansman epi absans teknik

() Pwoblèm ki gen rapò ak kanal irigasyon

() Liberasyon mache a epi ogmantasyon kantite diri etranje k ap antre nan peyi a () Pwoblèm klima

() Mank mwayen teknolojik epi pwodwi entran modèn (engrè, fètilizan, peptisid)

() Lòt rezon: _____

27. Daprè ou, èske kantite diri etranje k ap antre nan peyi a jwe yon pi gwo wòl nan mank kwasans pwodiksyon diri a an Ayiti pase lòt eleman nou sot site nan kesyon anvan an? () Wi () Non
Poukisa: _____ 28.

Èske w panse ke enpòtasyon masiv diri, sitou diri Ameriken, fè mal ak pwodiktè nasyonal yo? () Wi () Non

Poukisa: _____

29. Nan ka pa w, ki mwayen/strateji ou itilize devan gwo konpetisyon diri etranje k ap antre nan peyi a?

- () Ou plante diri melanje ak lòt pwodwi
- () Ou plante mwens diri
- () Ou plante plis diri epi ou chèche ogmante kantite diri w ap fè a
- () Ou chèche diminye depans oubyen kantite kòb pou w fè diri a
- () Ou chèche mache ki peye plis pou diri ou fè a

Lòt mwayen: _____

30. Dapre ou, kisa Leta ta ka fè pou chanje sitiyasyon pwodiksyon diri a an Ayiti? () Ogmante tarif enpòtasyon yo

- () Bay kredi agrikòl ak kiltivatè diri yo
- () Konstwi enfrastrikti irigasyon
- () Asistans teknik
- () Lòt bagay _____

31. Nan tèm impòtasyon, èske ou panse diri gen pi gwo dezavantaj (konpare ak lòt pwodwi agrikòl yo)? () Wi () Non Poukisa: _____

_____ 32.

Ou panse ekonomikman li pi bon pou moun ta fè diri oubyen lòt pwodwi yo

() Wi () Non Poukisa: _____

_____ 33.

Ki pri aktyèl yon gwo mastit 6 liv (2.934) kg diri nasyonal ak enpòte nan mache ou frekante yo ?

Diri nasyonal _____ Diri enpòte _____

34. Sitiyasyon peyi a ap fè fas aktyelman an fè sektè diri a mal () wi () non
Poukisa _____

35. Poukisa ou kontinye plante diri:

Ou konte kontinye plante dire nan ane k ap vini yo: () Wi () Non () Ou pa konnen

Poukisa: _____

36. Èske gen nenpòt lòt bagay ou ta renmen pataje avèk nou sou sijè sa a nou pa t
pale sou li nan kesyonè sa a?

Anexo II
Kesyonè pou Konsomatè diri yo

1- Kijan ou rele ? (Li pa obligatwa)_____

2- Ki laj ou ?_____

3- Ki seks ou ?

- Gason
- fiy
- lòt

4- Ki Kote ou rete ?_____

5- Ak Konbyn moun wap viv ?_____

6- Ki salè mwayen fanmiy ou pa mwa ?

- Jiska 5.000 Gdes
- 6.000 a 20.000 Gdes
- 21.000 a 30.000 Gdes
- 31.000 a 45.000 gdes
- plis ke 46.000 gdes

7-Ki nivo edikasyon ou ?

- Analfabè
- Primè konplè
- Primè enkonplè
- Segondè Konplè
- Segondé enkonplè
- Gradiyasyon Konplè

- Gradiyasyon enkonplè

-

8- Ki moun ki fè manje lakay?

- Manman
- Papa
- Frè/sè
- Grann/gran Papa
- Tonton/matant
- Outro_____

9- A ki frekans ou manje diri ?

- Chak jou
- Plizyè Fwa nan semèn
- Yon fwa nan Semèn
- Pa menm yon fwa pa Semèn

10- Ki kote ou menm ak fanmiy abitye achte diri?

- Mache/ Lari
- Pwodiktè
- Maket
- Lòt_____

11- Ou sousye de ki kote diri ou ap manje an soti?

- WI
- Non

12- Ou konn nan ki zone jewografik diri wap manje an soti ?

- Wi
- Non

13- Nan ki rejyon nan peyi an, diri peyi ou konsome yo soti ?

- l'Artibonite
- Nord (St Raphael et Grison Garde)
- Nord-Est (Ferrier et Plaine Maribaroux)
- la plaine des Cayes
- Lèt _____
-

14- Ou manje plis diri peyi oswa enpòté ?

- Wi
- Non

Si wi, Pouki rezon ou plis manje diri enpòte ?

15 - Pouki rezon ou plis manje diri peyi ?

16 - Sou tout diri ou menm ak fanmiw manje pandan ane an , ki pousantaj(%) diri peyi nou panse nou manje ?

17 - Nan ki okazyon ou plis manje diri peyi ?

18 - ki lot bagay ki kapab enfliyanse chwa wap fè nan diri ?

- Pri
- orijin
- Kalite
- Lot bagay

19 - Ou panse ke diri enpòte yo, yo gen enpak sou disponibilite diri nan zòn kotew rete an ?

- wi

- não
- m pa knnen

-Si wi, ki tip de enpank ? _____

20 - Ou prè pouw peye pi chè pou diri peyi e de manyè dirab ?

- wi
- non

Sa depann _____